40 ANOS FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

PRODUÇÃO DE CEBOLA NO BRASIL

# AGROANALYSIS

AGROANALYSIS
AGROANALYSIS

VOLUME 8 N.º 11 NOVEMBRO DE 1984

BIBLIOTECA KARL A. BO-DECKER
Escola de Administração de
Empresas de São Paulo

PERIÓDICOS

IMPRESSO

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Nesta época surgem, em geral, as primeiras estimativas da safra próxima e, do mesmo modo como nos anos mais recentes, volta-se a falar em quantidade total de **grãos** que será colhida. Resulta curioso ver como se repete um equívoco, a esta altura ganhando foros de verdade, sobretudo porque tem sido abonado por técnicos especialistas e autoridades governamentais do mais alto nível. O rádio e a televisão, responsáveis por difundirem tantas outras tolices (p. exs: **cachórros** hoje é pronúncia nacional e a palavra latina **inclusive** tomou, na conversação, o lugar da vírgula) encarregam-se do resto.

É possível que alguém tenha conferido à expressão do idioma inglês **grain** o significado amplo de **grãos** e o Ministério da Agricultura logo relacionou 16 como sendo os principais: amendoim, arroz, aveia, caroço de algodão, centeio, cevada, colza, feijão, girassol, linhaça, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e trigo mourisco. A soma das quantidades produzidas desses vegetais (fala-se comumente em 50 milhões de t) vem sendo alardeada como o total das safras de cada ano, aliás amiúde ditas **supersafras.** Verdadeiramente, representam, em valor, cerca da metade do total da produção das 32 principais lavouras brasileiras e, portanto, não se constituem na produção agrícola do país. De qualquer modo, é difícil imaginar o significado que possa ter a soma daqueles produtos tão díspares. Para efeito de transporte, talvez tenha alguma utilidade essa totalização, mas jamais poderá servir como medida de crescimento de produção das lavouras, o qual é geralmente calculado através de índices agregados, bastante conhecidos e de aceitação universal (Laspeyres, Paasche, Drobish, p. ex.).

Também é verdade que certos técnicos estrangeiros adotam procedimento semelhante, totalizando, às vezes, **grains** destinados à alimetação humana e à animal, mas pode-se questionar qual o conceito que adotam e para que servem as adições que fazem ou o que pretendem medir. A **FAO**, um tanto mais modesta do que o Ministério da Agricultura, do **Brasil**, relacionou 8 produtos: arroz, aveia, centeio, cevada, milho, **millet**, sorgo e trigo. O Departamento de Agricultura dos **Estados Unidos da América** igualmente faz suas somas, nelas incluindo uma miscelânia de **grains.** De qualquer sorte, não é por aí que se avalia a quantidade global produzida nas lavouras.

São marcantes as diferenças de importância desses produtos, segundo os países. O trigo, o milho e a cevada têm consumo e produção, por exemplo, largamente difundidos no mundo, porém o centeio já se confina mais à **Europa** e **URSS** e a aveia alcança, também, a **América do Norte** e **Oceania.** Sorgo e **millet** têm produção e consumo restrito e o arroz, cujo cultivo é geograficamente o mais concentrado, é de alta importância para alguns países, tais como o **Brasil, Espanha, Itália** e **Egito.** Por que, então, somar todos esses grãos?

A produção vegetal brasileira continua muito modesta, relativamente. Destacam-se, segundo as quantidades produzidas (sem pensar no café, cacau ou cana-de-açúcar) mais ou menos 20 milhões de t de milho, outras tantas de mandioca, 15 milhões de t de soja e 9 milhões de t de arroz. A cana-de-açúcar não pode ser classificada como **grain**, embora seja da família das **gramíneas**, do mesmo modo como o trigo, cevada, centeio, arroz ou milho. Exclui-se dessa classificação, ainda, como é obvio, a mandioca, uma **euforbiácea**, apesar de sua extraordinária riqueza em amido, fonte de caloria, uma das características mais marcantes dos **verdadeiros grãos**, como soem ser os por último citados.

No **Brasil**, diferentemente da **Europa** ou **Estados Unidos da América**, tanto a cana-de-açúcar quanto a mandioca são grandemente utilizadas na alimentação humana e animal e marcam elevada importância sob este aspecto, muito maior do que o da maioria dos grãos relacionados. Então, quer sob critérios estritamente econômico ou alimentar ou, ainda, meramente de tonelagem produzida (a produção anual de cana-de-açúcar alcança cerca de 250 milhões de t, ou seja, 5 vezes mais do que as 50 milhões de t totais de grãos) ter-se-ia de computar a colheita daquelas duas lavouras, para medir a soma de cada uma das safras do país. Isso, se o cacoete fosse vencido. Contudo, repita-se, não haverá como denominar de **grãos** a esses dois vegetais, mas talvez se possa adicioná-los, sem violência, àquelas parcelas que incluem sementes oleaginosas, cereais e outras, pois tudo alí há de caber.

Por outro lado, caso, por suposição, se verifique no **Brasil**, em determinado ano, um acentuado crescimento da quantidade de centeio, ou de cevada, ou de colza, em detrimento de arroz, ou milho, ou trigo, poder-se-á ter uma grande safra, isto é, uma grande quantidade somada, mas isso será bom? A simples pesagem total dos produtos relacionados, indiferentemente do valor de cada um, é evidente, nunca poderá indicar se a safra irá ou não satisfazer aos interesses do país.

**Em resumo:** não há razão para se continuar insistindo em totalizar variegados produtos vegetais, chamá-los genericamente de **grãos** e identificá-los com a produção agrícola. É certo que qualquer fruto ou semente de pequeno tamanho pode ser denominado **grão** (alpista, grão de uva, grão-de-bico, de café ou de cereais), mas os **grãos verdadeiros** são os cultivados visando o seu conteúdo de amido, os quais podem ser transformados em farinha, são os **cereais** ou **cariopse**, frutos das plantas (monocotiledôneas) da família das **gramíneas** (trigo, cevada, centeio, arroz e milho, dentre outras). As sementes oleaginosas (soja, algodão, girassol, linhaça, tungue, mamona, além de outras), muitas das quais **leguminosas de grãos**, dicotiledôneas, diferem bastante daqueles **grãos verdadeiros**, são cultivadas por serem fonte de proteína e igualmente diferem de certas outras leguminosas, tais como ervilha, grão-de-bico e feijão comum.

Se assim é, por que total de grãos? Por quê?

Sylvio Wanick Ribeiro
Chefe do Centro de Estudos Agrícolas/IBRE/FGV

BIBLIOTECA KARL A. BOLDEKER
Escola de Administração de
Empresas de São Paulo

# NOTA DA EDIÇÃO

*Os índices inflacionários ensejam larga discussão há vários anos, só momentaneamente ofuscada por acontecimentos políticos, e que recrudesce à aproximação da data de reajustamento do salário mínimo ou quando se verifica a alta sazonal dos preços dos gêneros alimentícios, por ocasião da entressafra.*

*Atualmente, estão presentes estas duas condicionantes e a elas se somam os compromissos de ajustamento da economia acordados com o* **Fundo Monetário Internacional**, *as expectativas quanto à política econômica a viger no próximo ano e as dúvidas quanto à potencialidade da safra. A fim de controlar a taxa inflacionária, vem o Governo procurando detectar* **pontos críticos**, *para, então, aplicar os instrumentos que julgar oportunos, tais como a liberação de estoques, no caso dos produtos de origem agrícola e tentar programar os reajustes dos preços que administra.*

*Ainda é cedo para se conhecer as políticas alternativas que serão possivelmente, adotadas em 1985. No que se refere à agricultura, também é prematuro assegurar qual a quantidade a ser produzida na safra 1984/85, bem assim seus reflexos sobre o abastecimento, pois, à exceção do* **feijão das águas**, *cuja colheita começou em novembro, as demais lavouras ainda estão nas suas fases iniciais de desenvolvimento. Sabe-se, porém, que não se deve esperar um desempenho agrícola excepcional, que dependerá de clima bastante favorável. Segundo o* **Prognóstico da Produção Agrícola para 1985 no Centro-Sul e Rondônia**, *do* **IBGE**, *todas as principais lavouras voltadas para o abastecimento interno registrarão diminuição na área de plantio (arroz: −11,3%; batata-inglesa: 7,8%; feijão −0,8%; milho: −5,1%). Deste grupo, apenas a mandioca, beneficiada por forte recuperação dos preços em nível do produtor, deverá ampliar (+ 1,7%) sua área cultivada. Entre os produtos exportáveis, a soja terá um aumento de 3%, a cana-de-açúcar, 4,8% e o algodão herbáceo, 37,5%. O amendoim, incentivado por um preço mínimo atraente, estabelecido em razão das boas perspectivas de colocação no mercado externo, registrará plantio 16,7% maior.*

*Em termos de produção, o* **IBGE** *considera que, dos produtos retromencionados, apenas a batata-inglesa terá uma produção menor do que a da safra passada (−9,9%). Espera-se, também, que a produtividade física do algodão, arroz, feijão, mandioca, milho e soja se mantenha no nível da média de anos anteriores, o que, se concretizado, permitirá colheita maior do que a da safra 1983/84.*

*Considerando-se que as dificuldades de obtenção de crédito e o alto custo dos insumos deverão afetar sobremaneira os tratos culturais neste ano agrícola, a vulnerabilidade das lavouras tende a se acentuar, podendo ocorrer problemas no abastecimento, no próximo ano.*

*Até o início da comercialização, porém, restarão o recurso à venda dos estoques governamentais, possíveis importações e acordos com as redes varejistas, como instrumentos de contenção dos preços. Após a entrada da safra, ocorrerão as definições das linhas gerais da política econômica. Só então ter-se-á uma noção do que acontecerá na área da economia, em 1985.*

# SUMÁRIO

PRODUÇÃO DE CEBOLA NO BRASIL . . . . . 2

PRODUTOS ANIMAIS E DERIVADOS
- Pecuária de Corte . . . . . 14
- Suinocultura . . . . . 17

PRODUTOS VEGETAIS
- Feijão . . . . . 19

PRECEITOS DE POLÍTICA AGRÍCOLA . . . . . 23

PREÇOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES E RELAÇÃO DE TROCAS . . . . . 25

PANORAMA AGROPECUÁRIO – PREÇOS
- Mercado Externo . . . . . 26
- Mercado Interno . . . . . 28
- Relativos . . . . . 30

COMPORTAMENTO DAS LAVOURAS . . . . . 32

# PRODUÇÃO DE CEBOLA NO BRASIL

CULTURA DE CURTO CICLO DE PRODUÇÃO, A CEBOLA ENCONTRA CONDIÇÕES CLIMÁTICAS FAVORÁVEIS AO SEU PLANTIO, NO PAÍS. VÁRIAS SAFRAS SÃO OBTIDAS EM UM MESMO ANO, ACARRETANDO, FREQÜENTEMENTE, EXCESSO DE OFERTA, DEVIDO À COINCIDÊNCIA DOS CALENDÁRIOS DE DIFERENTES REGIÕES PRODUTORAS. O PROCESSO DE COMERCIALIZAÇÃO, POR SUA VEZ, APRESENTA INÚMEROS PROBLEMAS, PRINCIPALMENTE NA REGIÃO NORDESTE.

A cebola é consumida em larga escala, no Brasil, sobretudo *in natura*, como condimento, e só é ultrapassada em termos de valor da produção, entre as olerícolas, pelo tomate e pela batata. Em relação ao sistema produtivo e à comercialização, apresenta, basicamente, os mesmos problemas das demais olerícolas.

A cultura da cebola predomina em pequenos estabelecimentos, requerendo o emprego intensivo de mão-de-obra e dos chamados insumos modernos, além de ser bastante exigente quanto ao clima e ao solo. Segundo dados do **Censo Agropecuário de 1980**, cerca de 92% da lavoura são cultivados de modo não consorciado, concentrando-se em propriedades de 10 ha a menos de 100 ha e utilizando, em especial, sementes selecionadas, defensivos e fertilizantes, aliados, muitas vezes, à prática da irrigação. Essa combinação, embora assegure boa produtividade, implica um alto custo de produção, quando comparada com lavouras exploradas de forma extensiva.

No Brasil, em virtude de condições climáticas favoráveis e do curto ciclo de produção, são obtidas várias safras em um mesmo ano, nas diferentes regiões produtoras, o que acarreta a forte sazonalidade da oferta de cebola. Conforme demonstram os Quadros 01 e 02, a coincidência destas safras é o principal fator a deprimir o mercado. No início dos anos 80, a produção registrou um aumento médio anual de apenas 2%. Analisando-se um período maior, porém, visando à melhor interpretação da conjuntura atual deste mercado, verifica-se que, entre 1973 e 1983, a produção apresentou um incremento expressivo, evoluindo a uma taxa média de 10% a.a., em decorrência, principalmente, do acréscimo médio anual de 6% na produtividade física (ver Quadro 03).

O estado de São Paulo concentra a maior parte das lavouras, tendo participado, em média, com 36% do total produzido no período 1973–83, seguido pelo Rio Grande do Sul, com 28% e Santa Catarina, com 14%. Pernambuco e Bahia detiveram, respectivamente, 11% e 5% do total (ver Quadro 04).

A partir de 1976, o aumento do rendimento médio do cultivo paulista, de 6.030 kg/ha em 1973 para 16.235 kg/ha em 1984, foi o principal responsável pelo significativo crescimento da produção. Durante o ano, são colhidas algumas safras nas diversas microrregiões produtoras paulistas, mediante o cultivo de cebola de mudas ou pelo **sistema de bulbinho** ou de **soqueira** (consiste no replantio dos bulbos da safra de mudas). Por esse sistema, predominante sobretudo na Microrregião de Paranapiacaba, onde se destaca o município de Piedade, a cebola é colhida geralmente de maio a julho e destina-se ao abastecimento no período de entressafra das demais regiões produtoras.

O Rio Grande do Sul, que perdeu para São Paulo a hegemonia na produção do país, em 1976, passou à condição de segundo produtor, em razão do acentuado decréscimo de 5% verificado em seu rendimento físico médio, que involuiu de 7.126 kg/ha em 1973, para 6.746 kg/ha em 1984 (inferior à média brasileira registrada no período 1973–1983, como demonstra o Quadro 04). As lavouras gaúchas são praticamente as únicas produtoras de sementes em escala comercial e a persistência de métodos tradicionais no cultivo impediu avanços na produção. Geralmente, a safra do Rio Grande do Sul é plantada em julho e agosto e colhida no final do mesmo ano e início do seguinte.

Já em Santa Catarina, onde o plantio e a colheita são realizados quase na mesma época da safra gaúcha, o rendimento médio, ao contrário, aumentou 65% entre 1973 e 1984, passando de 5.971 kg/ha para 9.140 kg/ha.

Também considerada importante região produtora, o Vale do São Francisco, que engloba municípios de Pernambuco(*) e da Bahia, colhe entre junho e setembro, com maior concentração nos dois primeiros meses do período. Nessa região, os problemas de comercialização são normalmente agravados, em caso de excesso de oferta, pois, além das varie-

(*) **Embora seja o quarto produtor brasileiro, esse estado obteve, logo abaixo de São Paulo, uma produtividade bem acima da média brasileira do período 1973–83 (ver Quadro 04).**

**QUADRO 01 – BRASIL – CEBOLA – DISTRIBUIÇÃO MENSAL[1] (%) DO PLANTIO, SEGUNDO O CENSO AGROPECUÁRIO DE 1980**

| PRINCIPAIS ESTADOS PRODUTORES | DISTRIBUIÇÃO MENSAL (%) DA ÁREA PLANTADA | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | jan | fev | mar | abr | mai | jun | jul | ago | set | out | nov | dez | SEM DECLARAÇÃO |
| Pernambuco | 9,75 | 23,02 | 18,71 | 13,70 | 10,79 | 7,88 | 4,19 | 5,39 | 4,07 | 0,98 | 0,55 | 0,92 | 0,07 |
| Bahia | 12,54 | 27,79 | 30,01 | 8,43 | 8,8 | 3,5 | 2,23 | 1,3 | 2,38 | 0,92 | 0,94 | 1,04 | 0,13 |
| São Paulo[2] | 2,56 | 31,92 | 28,28 | 6,19 | 2,44 | 8,64 | 14,94 | 3,67 | 0,63 | 0,44 | 0,08 | 0,07 | 0,15 |
| Santa Catarina | 0,29 | 0,21 | 0,25 | 0,25 | 1,1 | 7,75 | 19,35 | 47,88 | 19,67 | 2,69 | 2,78 | 0,01 | 2,78 |
| Rio Grande do Sul[2] | 0,19 | 0,09 | 0,14 | 0,53 | 1,44 | 5,17 | 10,24 | 75,03 | 6,5 | 0,51 | 0,07 | 0,01 | 0,11 |
| BRASIL | 3,45 | 12,59 | 12,77 | 5,36 | 4,92 | 9,57 | 14,25 | 27,32 | 7,61 | 1,31 | 0,32 | 0,32 | 0,23 |

FONTE – Atualização do trabalho denominado "Distribuição e Sazonalidade da Produção Agrícola" 1980 – FGV/IBRE/CEA.

LEGENDA – • Concentração do plantio.

[1] A soma das percentagens nem sempre corresponde a 100,00, devido ao arredondamento de dados.

[2] No tocante à distribuição e concentração mensal do plantio, os cálculos foram efetuados prioritariamente, a partir das informações referentes à "Área Plantada" e, na falta destas, foram utilizados os dados de "Quantidade Plantada", conforme a disponibilidade.

NOTA – A concentração na área plantada se expressa por um mínimo de 70% para o somatório dos percentuais mensais, incluindo os constantes da coluna denominada "Sem Declaração".

**QUADRO 02 – BRASIL – CEBOLA – DISTRIBUIÇÃO MENSAL[1] (%) DA COLHEITA, SEGUNDO O CENSO AGROPECUÁRIO DE 1980**

| PRINCIPAIS ESTADOS PRODUTORES | DISTRIBUIÇÃO MENSAL (%) DA QUANTIDADE COLHIDA | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | jan | fev | mar | abr | mai | jun | jul | ago | set | out | nov | dez | SEM DECLARAÇÃO |
| Pernambuco | 0,62 | 0,44 | 2,50 | 4,85 | 10,68 | 20,69 | 16,42 | 16,01 | 11,22 | 5,85 | 4,91 | 5,77 | 0,07 |
| Bahia | 0,33 | 0,29 | 3,38 | 6,4 | 6,42 | 33,09 | 27,52 | 11,95 | 3,98 | 1,85 | 2,04 | 2,63 | 0,15 |
| São Paulo | 0,28 | 0,25 | 0,37 | 0,71 | 11,93 | 15,96 | 17,64 | 12,12 | 10,1 | 4,99 | 13,8 | 11,68 | 0,16 |
| Santa Catarina | 21,01 | 1,14 | 0,11 | 0,14 | 0,15 | 0,16 | 0,08 | 0,06 | 0,12 | 0,43 | 5,32 | 71,07 | 0,22 |
| Rio Grande do Sul | 2,88 | 0,52 | 0,12 | 0,03 | 0,04 | 0,09 | 0,01 | 0,04 | 0,09 | 0,44 | 3,11 | 92,52 | 0,1 |
| BRASIL | 4,89 | 0,57 | 0,81 | 1,54 | 5,84 | 10,61 | 10,21 | 7,21 | 5,49 | 3,49 | 8,0 | 41,2 | 0,15 |

FONTE – Atualização do trabalho denominado "Distribuição e Sazonalidade da Produção Agrícola" 1980 – FGV/IBRE/CEA.

LEGENDA – ▪ Concentração da Colheita.

[1] A soma das percentagens nem sempre corresponde a 100,00, devido ao arredondamento de dados.

NOTA – A concentração na quantidade colhida se expressa por um mínimo de 70% para o somatório dos percentuais mensais, incluindo os constantes da coluna denominada "Sem Declaração".

dades de cebola produzidas no Nordeste serem mais perecíveis, a maior distância dos grandes centros consumidores e o conseqüente encarecimento do frete, tornam o produto nordestino menos competitivo em relação aos do Sudeste e Sul do país.

Notadamente a partir de 1976, a produção nacional de cebola, impulsionada principalmente pela proibição das importações do produto em 1975, registrou significativa expansão, praticamente equiparando-se à demanda. Nos anos anteriores, como a oferta não era suficiente para suprir o abastecimento interno, tinha-se que recorrer permanentemente ao mercado externo. A princípio, as divisas gastas com aquisição do produto eram bastante reduzidas, até que, em 1973, o país despendeu US$ 7,153 milhões—**CIF**, correspondentes à importação de 48 mil t de cebola fresca ou refrigerada (ver Quadro 05).

Outra vez em 1978, embora a produção continuasse ascendendo, a sensível queda da safra gaúcha, que abastece o mercado dos grandes centros consumidores quase exclusivamente no período de dezembro a maio, provocou crises no abastecimento, levando o **Conselho Nacional de Política Aduaneira** a autorizar importações. Ao contrário, em outubro desse mesmo ano, a chegada do produto importado (32 mil t de cebola, no valor de US$ 9,027 milhões—**CIF**) e mais as colheitas provenientes das regiões produtoras do Vale do São Francisco e de São Paulo, acarretaram um excesso de oferta e conseqüente redução dos preços.

Também em razão do aumento da oferta, ocasionada pela coincidência de safras em 1979, a comercialização foi seriamente dificultada. Já em 1980, a frustração da safra do município paulista de Piedade tornou o abastecimento bastante irregular entre maio e julho, provocando alta excessiva dos preços em todos os segmentos da comercialização (ver Gráfico 01). Novamente em 1981, a superprodução registrada no Sul do país deprimiu acentuadamente as cotações. Conforme se verifica no Quadro 06, as taxas das variações mensais dos preços recebidos pelos produtores dos principais estados foram bem inferiores às da inflação, durante quase todo o ano de 1981.

**QUADRO 03 – BRASIL – CEBOLA – EVOLUÇÃO DA ÁREA COLHIDA, DA PRODUÇÃO E DO RENDIMENTO – 1973 A 1984**

| ANO | ÁREA COLHIDA (ha) | VARIAÇÃO (%) | PRODUDUÇÃO (t) | VARIAÇÃO (%) | RENDIMENTO (kg/ha) | VARIAÇÃO (%) |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1973 | 49.303 | | 306.648 | | 6.220 | |
| 1974 | 52.847 | 7,2 | 336.221 | 9,6 | 6.362 | 2,3 |
| 1975 | 52.258 | –1,1 | 346.484 | 3,1 | 6.630 | 4,2 |
| 1976 | 57.619 | 10,3 | 430.781 | 24,3 | 7.476 | 12,8 |
| 1977 | 61.095 | 6,0 | 487.661 | 13,2 | 7.982 | 6,8 |
| 1978 | 56.523 | –7,5 | 488.498 | 0,2 | 8.642 | 8,3 |
| 1979 | 69.101 | 22,3 | 691.071 | 41,5 | 10.000 | 15,7 |
| 1980 | 67.044 | –3,0 | 694.585 | 0,5 | 10.360 | 3,6 |
| 1981 | 74.250 | 10,7 | 778.403 | 12,1 | 10.484 | 1,2 |
| 1982 | 62.342 | –16,0 | 669.240 | –14,0 | 10.735 | 2,4 |
| 1983 | 67.174 | 7,8 | 724.583 | 8,3 | 10.787 | 0,5 |
| 1984[1] | 67.757 | | 707.368 | | 10.440 | |

FONTE – IBGE.

[1] Não é ainda a estimativa em nível nacional e, portanto, só pode ser comparada com os resultados obtidos na mesma área geográfica de 1983, quando foram colhidas 715.931 t de cebola (–1,2% em 1984) numa área de 65.413 ha (+3,6 em 1984), correspondente a um rendimento médio de 10.945 kg/ha (–4,6% em 1984).

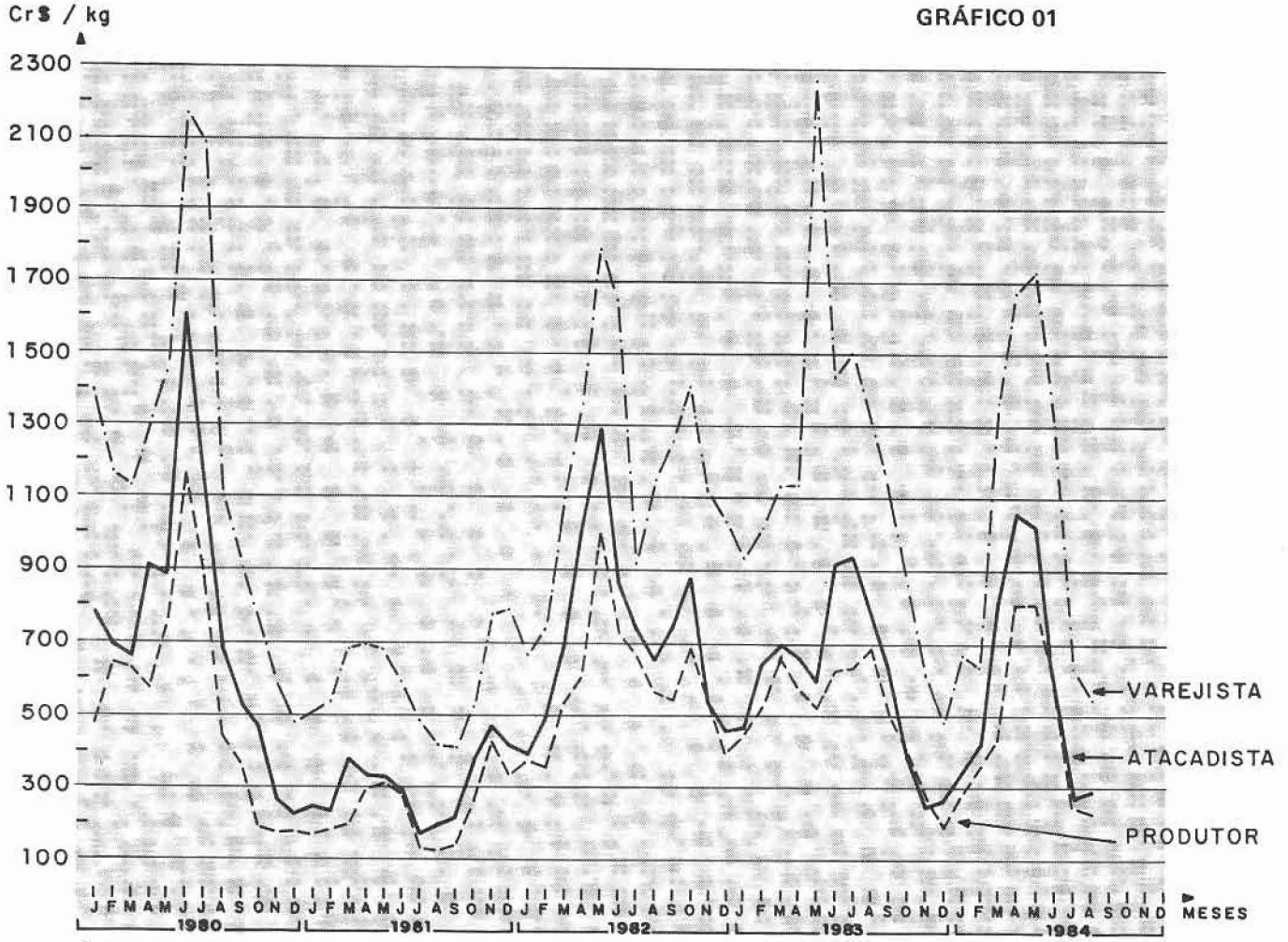
**QUADRO 04 – BRASIL – PARTICIPAÇÃO DOS PRINCIPAIS ESTADOS PRODUTORES DE CEBOLA NA PRODUÇÃO TOTAL – MÉDIA DO PERÍODO 1973 A 1983**

| ESTADO | PRODUÇÃO (t) | PARTICIPAÇÃO NO TOTAL (%) | ÁREA (ha) | PARTICIPAÇÃO NO TOTAL (%) | RENDIMENTO (kg/ha) |
|---|---|---|---|---|---|
| São Paulo | 195.847 | 36,2 | 15.160 | 24,9 | 12.919 |
| Rio Grande do Sul | 149.465 | 27,6 | 20.463 | 33,6 | 7.304 |
| Santa Catarina | 75.707 | 14,0 | 7.673 | 12,6 | 9.867 |
| Pernambuco | 57.514 | 10,6 | 4.922 | 8,1 | 11.685 |
| Bahia | 24.705 | 4,6 | 2.975 | 4,9 | 8.304 |
| TOTAL DO GRUPO | 503.238 | 93,0 | 51.193 | 84,1 | 9.830 |
| OUTROS | 38.051 | 7,0 | 9.676 | 15,9 | 3.933 |
| BRASIL | 541.289 | 100,0 | 60.869 | 100,0 | 8.893 |

FONTE – IBGE.

ESTADO DE SÃO PAULO – PREÇOS MÉDIOS MENSAIS REAIS* NO NÍVEL DO PRODUTOR E NOS MERCADOS ATACADISTA E VAREJISTA – JUNHO/80 A AGOSTO/84

GRÁFICO 01




* Valores corrigidos pelo IGP–DI, Coluna 2 de Conjuntura Econômica para julho de 1984.
FONTE – FGV/IBRE/CEA, Acompanhamento Conjuntural de Hortigranjeiros – GAA/Cobal – Minagri e IEA/SP.

Devido ao desestímulo dos preços praticados em 1981, dentre outros fatores, a produção de cebola em 1982, pela primeira vez desde 1973, registrou considerável decréscimo, de 14% em relação à obtida no ano anterior (778 mil t). Em conseqüência, os preços situaram-se em níveis bastante elevados, motivando novo aumento do plantio, em 1983. De acordo com o Quadro 06, as variações percentuais desses preços superaram as da inflação, ao longo de todo o ano de 1982, nos mais importantes estados produtores, o que, se por um lado beneficiou os produtores, por outro provocou certa retração no consumo.

Atualmente, em decorrência de condições climáticas desfavoráveis bem como dos baixos preços registrados no ano passado, é esperada uma produção da ordem de 707 mil t e, portanto, cerca de 1,3% inferior à obtida em 1983, na mesma área geográfica (716 mil t).

No Sul do país, as enchentes provocaram considerável quebra no rendimento médio e conseqüente declínio da produção, em torno de 7% no Rio Grande do Sul e 12% em Santa Catarina. No entanto, conforme já ocorreu em outros anos, houve excesso de oferta, gerado pela coincidência das safras da Região do Vale do São Francisco e de São Paulo, que dificultou a comercialização. O aviltamento dos preços levou a **Cobal** a adquirir o excedente de produção do Nordeste a preços inferiores ao custo de produção, para evitar que toneladas de cebola fossem novamente jogadas no rio São Francisco.

Através dessa análise, constata-se que, não obstante a produção venha apresentando tendência crescente, a irregularidade da oferta ao longo do ano, ao se refletir na formação dos

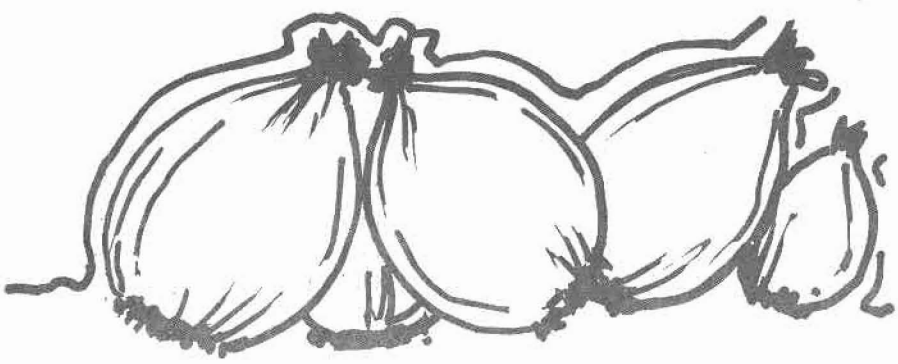
**QUADRO 05 – BRASIL – EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES DE CEBOLA – 1970 A 1983**

| ANO | FRESCA OU REFRIGERADA | | | SECA OU DESIDRATADA | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | Quantidade (t) | Valor (US$ 1.000 CIF) | Preço médio (US$/t) | Quantidade (t) | Valor (US$ 1.000 CIF) | Preço médio (US$/t) |
| 1970 | 2.507 | 304 | 121 | – | – | – |
| 1971 | 16.169 | 1.771 | 110 | 40 | 44 | 1.100 |
| 1972 | 14.280 | 1.398 | 98 | 158 | 76 | 481 |
| 1973 | 48.414 | 7.153 | 148 | 91 | 87 | 956 |
| 1974 | 19.242 | 3.101 | 161 | 134 | 278 | 2.075 |
| 1975 | 1.289 | 301 | 234 | 10 | 27 | 2.700 |
| 1976 | 4 | 2 | 500 | 104 | 233 | 2.240 |
| 1977 | 13 | 6 | 462 | 133 | 298 | 2.241 |
| 1978 | 32.100 | 9.027 | 281 | 103 | 311 | 3.019 |
| 1979 | 118 | 68 | 576 | 160 | 560 | 3.500 |
| 1980 | – | – | – | 243 | 922 | 3.794 |
| 1981 | – | – | – | 118 | 586 | 4.966 |
| 1982 | – | – | – | – | – | – |
| 1983 | – | – | – | 118 | 345 | 2.924 |

**FONTE – CIEF/Ministério da Fazenda.**

preços de mercado, tem ocasionado repetidas crises no abastecimento interno. Em épocas de superprodução, decorrente sobretudo da coincidência de safras de diferentes regiões produtoras, os preços atingem níveis muito baixos, por vezes tornando economicamente inviável a própria colheita. Isto desestimula o plantio no período seguinte, acarretando forte escassez e conseqüente elevação das cotações, até que se inverta novamente o ciclo.

O processo de comercialização da cebola, a exemplo de outras olerícolas, além de entravado por excessiva intermediação, apresenta inúmeros problemas, destacando-se, no caso do Nordeste, a deficiência de infra-estrutura de armazenamento e transporte, que dificulta, sobretudo quando ocorre a coincidência das safras, a entrada do produto dessa região no circuito comercial. Esse processo se desenvolve de várias formas, sendo a mais comum a seguinte: o produto, depois de colhido, enrestiado ou ensacado, é canalizado, através de intermediários, ao atacadista do local de origem, passando ou não pelos **Mercados do Produtor**, até chegar, depois de conduzido por outros intermediários, às mãos dos atacadistas dos grandes centros consumidores, em geral estabelecidos nas **Centrais de Abastecimento Estaduais.** É, então, distribuído à rede varejista, integrada, dentre outros estabelecimentos, por feiras livres, supermercados e mercearias, para revenda aos consumidores finais. Quanto à participação da produção entregue às cooperativas, constata-se, com base em informações contidas no **Censo Agropecuário de 1980,** que apenas 4% da produção tem esse destino. É interessante observar que os **Mercados do Produtor,** também conhecidos como **Mercados Expedidores de Origem** ou **Pré-Ceasas,** apresentam a vantagem de reduzir os custos de frete, através da formação de *pools* de transporte até os terminais atacadistas, além de atenuarem os chamados **passeios de mercadorias,** que consistem em fazer retornar ao local de origem as mercadorias adquiridas nas **Ceasas.**



**QUADRO 06 – BRASIL – ESTADOS SELECIONADOS – VARIAÇÕES PERCENTUAIS(*) DOS PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE CEBOLA – 1980 A 1984**

| MÊS | SÃO PAULO | | | | RIO GRANDE DO SUL | | | | SANTA CATARINA | | | | PERNAMBUCO | | | | BAHIA | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1980/81 | 1981/82 | 1982/83 | 1983/84 | 1980/81 | 1981/82 | 1982/83 | 1983/84 | 1980/81 | 1981/82 | 1982/83 | 1983/84 | 1980/81 | 1981/82 | 1982/83 | 1983/84 | 1980/81 | 1981/82 | 1982/83 | 1983/84 |
| Jan | –28[1] | 278 | 186 | 96[1] | –36[1] | 176 | 253 | 35[1] | –57[1] | 303 | 123[1] | 80[1] | –23[1] | 302 | 2[1] | 190[1] | –38[1] | 297 | 36[1] | 168[1] |
| Fev | –39[1] | 281 | 200 | 123[1] | –47[1] | 304 | 174 | 74[1] | –43[1] | 330 | 161 | 86[1] | –1[1] | 250 | 1[1] | 360 | –14[1] | 185 | 49[1] | 346 |
| Mar | –30[1] | 418 | 156 | 120[1] | –37[1] | 342 | 198 | 231 | –27[1] | 305 | 147 | 207[1] | 58[1] | 170 | 66[1] | 376 | 85[1] | 81[1] | 92[1] | 356 |
| Abr | 13[1] | 295 | 104[1] | 364 | –26[1] | 274 | 200 | 321 | –21[1] | 288 | 132 | 263 | 104[1] | 110 | 103[1] | 348 | 65[1] | 101 | 135 | 234 |
| Mai | –10[1] | 524 | 14[1] | 418 | –44[1] | 734 | –2[1] | 418 | –40[1] | 442 | 88[1] | 226[1] | 31[1] | 275 | 43[1] | 313 | 56[1] | 180 | 220 | 115[1] |
| Jun | –48[1] | 418 | 94[1] | 210[1] | –60[1] | 845 | –15[1] | 441 | –55[1] | 834 | 45[1] | 182[1] | –47[1] | 451 | 84[1] | 182[1] | 29[1] | 102 | 156 | 125[1] |
| Jul | –68[1] | 893 | 129[1] | 26[1] | –72[1] | 1.198 | –20[1] | 478 | –64[1] | 797 | 55[1] | 173[1] | –68[1] | 1.078 | 94[1] | 106[1] | –6[1] | 275 | 141[1] | 52[1] |
| Ago | –42[1] | 815 | 207 | 6[1] | –82[1] | 1.751 | –23[1] | 495 | –63[1] | 647 | 119[1] | 84[1] | –14[1] | 530 | 122[1] | 77[1] | 17[1] | 311 | 140[1] | 60[1] |
| Set | –21[1] | 667 | 158[1] | | –82[1] | 1.770 | –17[1] | 450 | –56[1] | 611 | 123[1] | 84[1] | 10[1] | 501 | 134[1] | 55[1] | 40[1] | 329 | 141[1] | 64[1] |
| Out | 178 | 421 | 71[1] | | –58[1] | 791 | –18[1] | | –40[1] | 493 | 128[1] | | 26[1] | 252 | 95[1] | | 69[1] | 275 | 87[1] | |
| Nov | 397 | 146 | 53[1] | | –61[1] | 769 | 25[1] | | 21[1] | 292 | 89[1] | | 161 | 69[1] | 70[1] | | 192 | 101 | 103[1] | |
| Dez | 271 | 141 | 49[1] | | 10[1] | 234 | 12[1] | | 209 | 121 | 65[1] | | 304 | 3[1] | 62[1] | | 232 | 50[1] | 116[1] | |
| MÉDIA | 2[1] | 369 | 104[1] | | –56[1] | 665 | 20[1] | | –36[1] | 428 | 98[1] | | 28[1] | 224 | 78[1] | | 50[1] | 174 | 125[1] | |

**FONTE – FGV/IBRE/CEA.**

[1] **Variações inferiores às da inflação medida pelo IGP–DI.**

(*) **As variações percentuais referem-se aos preços correntes, no período de um ano, tomadas mês a mês.**

No atacado, as oscilações dos preços das olerícolas, particularmente da cebola, são, em geral, função inversa das variações sazonais das quantidades comercializadas, decorrentes da disponibilidade dos produtos nas zonas produtoras, ou, ainda, do suprimento diário nos entrepostos grossistas, o qual pode ser manipulado por agentes de mercado, com o objetivo de aumentar as cotações. Além desses fatores, o alto grau de perecibilidade desses produtos e as variações das taxas inflacionárias também influenciam o nível de preços das olerícolas.



Analisando o comportamento dos principais mercados atacadistas das Regiões Sudeste, Sul e Nordeste no período de janeiro de 1980 a agosto de 1984, constata-se que, embora ocorram significativas disparidades regionais com relação às quantidades médias anuais comercializadas, as médias anuais dos preços, apesar de um pouco mais elevadas no Nordeste, não apresentam acentuadas divergências (ver Quadros 07 a 12). Nas regiões Sudeste e Sul (ver Gráficos 02 e 03, divididos em partes **A** e **B** e colocados sobrepostos para facilitar a visualização), devido a menor distância e grande troca de informações entre os mercados, as variações estacionais dos preços processam-se muitas vezes quase simultaneamente. Detectam-se os preços mais elevados em geral nos meses de maio a julho, quando ocorre a entressafra no Sul do país e o mercado é normalmente abastecido pela safra de **bulbinhos**, provenientes do município paulista de Piedade (note-se que, no caso de uma superprodução na região Sul, como aconteceu em 1981, ou da atual coincidência das safras nordestina e paulista, o mercado passa a atuar de modo diferente). Já no Nordeste, o pico de preços altos verifica-se notadamente entre janeiro e maio, período correspondente à entressafra na região do Vale do São Francisco.

**QUADRO 07 – CEBOLA – EVOLUÇÃO DA QUANTIDADE COMERCIALIZADA NOS MERCADOS ATACADISTAS DE SÃO PAULO E DO RIO DE JANEIRO – JANEIRO DE 1980 A AGOSTO DE 1984**
**(em t)**

| MÊS | Ceagesp–ET/SÃO PAULO | | | | | Ceasa/RJ–RIO DE JANEIRO | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 |
| Janeiro | 4.268 | 4.216 | 4.987 | 5.133 | 5.246 | 3.300 | 3.975 | 4.195 | 4.284 | 4.089 |
| Fevereiro | 3.733 | 4.116 | 4.532 | 3.883 | 4.474 | 3.411 | 3.819 | 2.941 | 3.671 | 4.423 |
| Março | 4.061 | 4.726 | 4.825 | 4.579 | 4.909 | 3.563 | 4.184 | 3.823 | 4.438 | 3.683 |
| Abril | 4.428 | 4.507 | 4.077 | 4.170 | 3.783 | 3.399 | 3.947 | 3.294 | 3.059 | 3.271 |
| Maio | 3.683 | 4.103 | 3.809 | 4.782 | 3.986 | 3.085 | 4.339 | 2.680 | 3.906 | 3.673 |
| Junho | 2.609 | 5.084 | 4.618 | 4.775 | 5.261 | 2.888 | 4.194 | 3.295 | 3.642 | 4.556 |
| Julho | 3.815 | 5.122 | 5.165 | 5.176 | 5.989 | 3.903 | 4.509 | 4.059 | 4.360 | 5.821 |
| Agosto | 3.800 | 5.307 | 4.736 | 5.419 | 5.602 | 4.321 | 4.467 | 3.916 | 4.370 | 4.853 |
| Setembro | 3.926 | 5.597 | 4.301 | 5.010 | | 4.251 | 4.411 | 3.689 | 4.238 | |
| Outubro | 3.815 | 5.253 | 3.874 | 5.340 | | 4.463 | 4.612 | 3.794 | 4.580 | |
| Novembro | 3.905 | 4.663 | 4.491 | 5.487 | | 4.181 | 3.615 | 4.031 | 4.672 | |
| Dezembro | 3.756 | 5.038 | 4.253 | 4.653 | | 4.458 | 4.118 | 4.564 | 4.479 | |
| MÉDIA | 3.817 | 4.811 | 4.472 | 4.867 | | 3.769 | 4.183 | 3.690 | 4.142 | |

**FONTE – Acompanhamento Conjuntural de Hortigranjeiros – GAA/Cobal– Minagri.**

**QUADRO 08 – CEBOLA – EVOLUÇÃO DOS PREÇOS MÉDIOS MENSAIS REAIS[1] NOS MERCADOS ATACATISTAS DE SÃO PAULO E DO RIO DE JANEIRO – JANEIRO DE 1984 A AGOSTO DE 1984**
**(Cr$/t)**

| MÊS | Ceagesp–ET/SÃO PAULO | | | | | Ceasa/RJ–RIO DE JANEIRO | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 |
| Janeiro | 783.602 | 246.137 | 384.572 | 463.277 | 337.103 | 785.182 | 279.266 | 460.223 | 434.115 | 318.262 |
| Fevereiro | 685.067 | 232.756 | 482.207 | 637.384 | 415.285 | 791.268 | 291.555 | 562.150 | 596.505 | 365.327 |
| Março | 656.780 | 370.781 | 687.923 | 693.016 | 809.181 | 772.584 | 420.137 | 792.755 | 779.567 | 808.612 |
| Abril | 907.856 | 335.865 | 1.013.997 | 663.796 | 1.050.097 | 1.027.686 | 450.200 | 1.020.712 | 848.611 | 1.027.165 |
| Maio | 876.046 | 324.630 | 1.284.221 | 592.247 | 1.012.875 | 993.274 | 395.017 | 1.552.890 | 704.511 | 1.130.273 |
| Junho | 1.592.614 | 289.207 | 866.361 | 914.626 | 563.625 | 1.595.708 | 335.934 | 1.127.196 | 1.019.837 | 653.591 |
| Julho | 1.160.050 | 168.141 | 730.919 | 929.095 | 275.044 | 1.269.711 | 226.553 | 761.136 | 944.491 | 236.160 |
| Agosto | 673.125 | 196.391 | 649.501 | 777.587 | 289.796 | 682.191 | 222.234 | 647.736 | 782.990 | 276.995 |
| Setembro | 532.394 | 212.923 | 741.070 | 621.870 | | 508.235 | 216.341 | 802.467 | 646.403 | |
| Outubro | 458.605 | 369.030 | 874.797 | 379.189 | | 460.371 | 393.702 | 983.733 | 459.492 | |
| Novembro | 264.612 | 465.398 | 529.007 | 244.924 | | 312.171 | 564.342 | 645.588 | 335.304 | |
| Dezembro | 218.422 | 412.921 | 454.743 | 258.529 | | 268.682 | 544.647 | 463.323 | 295.671 | |
| MÉDIA | 734.098 | 302.015 | 724.943 | 597.962 | | 788.922 | 361.661 | 818.326 | 653.958 | |

**FONTE – Acompanhamento Conjuntural de Hortigranjeiros – GAA/Cobal– Minagri.**
[1] **Valores corrigidos pelo IGP–DI, Coluna 2 de Conjuntura Econômica, para julho de 1984.**

**QUADRO 09 – CEBOLA – EVOLUÇÃO DA QUANTIDADE COMERCIALIZADA NOS MERCADOS ATACADISTAS DE PORTO ALEGRE E CURITIBA – JANEIRO DE 1980 A AGOSTO DE 1984**
**(em t)**

| MÊS | Ceasa/RS–PORTO ALEGRE | | | | | Ceasa/PR–CURITIBA | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 |
| Janeiro | 1.245 | 1.248 | 1.016 | 1.477 | 1.130 | 938 | 1.398 | 1.455 | 1.165 | 1.132 |
| Fevereiro | 973 | 1.356 | 1.240 | 1.120 | 2.063 | 1.176 | 1.521 | 1.404 | 1.150 | 1.462 |
| Março | 1.145 | 1.749 | 1.220 | 1.040 | 1.504 | 1.357 | 1.855 | 1.340 | 1.298 | 1.246 |
| Abril | 864 | 1.284 | 821 | 995 | 870 | 1.179 | 1.720 | 1.247 | 961 | 691 |
| Maio | 841 | 1.250 | 645 | 1.214 | 774 | 1.194 | 1.458 | 1.052 | 1.410 | 1.061 |
| Junho | 544 | 1.066 | 734 | 992 | 1.497 | 930 | 1.576 | 1.456 | 1.316 | 1.860 |
| Julho | 1.032 | 1.529 | 1.368 | 1.214 | 1.806 | 1.327 | 1.970 | 2.003 | 1.429 | 2.298 |
| Agosto | 2.028 | 1.919 | 1.592 | 1.453 | 2.109 | 1.591 | 1.984 | 1.801 | 1.708 | 2.330 |
| Setembro | 2.164 | 2.158 | 1.504 | 1.594 | | 1.536 | 2.165 | 1.835 | 1.703 | |
| Outubro | 1.856 | 2.007 | 998 | 1.314 | | 1.627 | 2.085 | 1.703 | 1.793 | |
| Novembro | 1.505 | 1.107 | 955 | 1.201 | | 1.655 | 1.420 | 1.198 | 1.940 | |
| Dezembro | 1.500 | 1.274 | 1.022 | 1.206 | | 1.516 | 1.640 | 1.139 | 1.419 | |
| MÉDIA | 1.308 | 1.496 | 1.093 | 1.235 | | 1.336 | 1.733 | 1.469 | 1.441 | |

FONTE – Acompanhamento Conjuntural de Hortigranjeiros – GAA/Cobal– Minagri.

**QUADRO 10 – CEBOLA – EVOLUÇÃO DOS PREÇOS MÉDIOS MENSAIS REAIS[1] NOS MERCADOS ATACADISTAS DE PORTO ALEGRE E CURITIBA – JANEIRO DE 1984 A AGOSTO DE 1984**
**(Cr$/t)**

| MÊS | Ceasa/RS–PORTO ALEGRE | | | | | Ceasa/PR–CURITIBA | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 |
| Janeiro | 659.990 | 208.733 | 348.592 | 345.718 | 266.945 | 467.251 | 189.556 | 289.833 | 406.655 | 303.001 |
| Fevereiro | 624.450 | 204.596 | 441.722 | 435.967 | 261.215 | 622.532 | 175.217 | 387.156 | 520.775 | 400.733 |
| Março | 582.577 | 270.629 | 662.054 | 607.021 | 581.296 | 570.021 | 264.005 | 565.315 | 669.076 | 863.297 |
| Abril | 768.785 | 312.395 | 823.825 | 565.770 | 787.200 | 741.391 | 288.171 | 866.123 | 677.439 | 987.280 |
| Maio | 962.385 | 261.204 | 1.237.645 | 553.192 | 851.908 | 824.801 | 229.103 | 1.300.792 | 624.282 | 1.051.643 |
| Junho | 1.289.855 | 297.278 | 1.076.700 | 904.337 | 746.822 | 1.459.656 | 280.295 | 937.595 | 905.320 | 728.995 |
| Julho | 1.421.091 | 205.944 | 933.981 | 912.357 | 409.130 | 1.251.234 | 204.712 | 777.201 | 1.004.247 | 372.660 |
| Agosto | 830.151 | 231.896 | 742.259 | 862.978 | 340.871 | 706.447 | 204.495 | 654.956 | 779.676 | 324.536 |
| Setembro | 702.603 | 236.245 | 738.931 | 822.757 | | 546.274 | 210.026 | 837.268 | 639.232 | |
| Outubro | 553.194 | 787.141 | 988.097 | 658.034 | | 435.761 | 716.480 | 866.518 | 361.832 | |
| Novembro | 392.515 | 572.709 | 674.289 | 448.455 | | 233.818 | 488.963 | 587.464 | 254.224 | |
| Dezembro | 247.545 | 446.911 | 400.904 | 211.941 | | 183.192 | 347.250 | 415.123 | 249.912 | |
| MÉDIA | 752.928 | 336.307 | 755.750 | 610.711 | | 670.198 | 299.856 | 707.112 | 591.056 | |

FONTE – Acompanhamento Conjuntural de Hortigranjeiros – GAA/Cobal– Minagri.
[1] Valores corrigidos pelo IGP–DI, Coluna 2 de Conjuntura Econômica, para julho de 1984.

**QUADRO 11 – CEBOLA – EVOLUÇÃO DA QUANTIDADE COMERCIALIZADA NOS MERCADOS ATACADISTAS DE RECIFE E SALVADOR – JANEIRO DE 1980 A AGOSTO DE 1984**
**(em t)**

| MÊS | Ceasa/PE – RECIFE | | | | | Ceasa/BA – SALVADOR | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 |
| Janeiro | 833 | 1.089 | 1.058 | 1.200 | 1.149 | 619 | 669 | 736 | 828 | 648 |
| Fevereiro | 698 | 972 | 875 | 990 | 1.145 | 543 | 464 | 673 | 611 | 711 |
| Março | 990 | 1.132 | 1.158 | 1.148 | 1.021 | 775 | 794 | 841 | 766 | 626 |
| Abril | 480 | 833 | 831 | 1.008 | 784 | 485 | 713 | 441 | 628 | 501 |
| Maio | 583 | 827 | 830 | 1.201 | 837 | 627 | 659 | 594 | 761 | 632 |
| Junho | 759 | 1.131 | 792 | 809 | 1.048 | 499 | 636 | 506 | 624 | 598 |
| Julho | 888 | 1.062 | 824 | 954 | 1.364 | 560 | 534 | 674 | 571 | 908 |
| Agosto | 921 | 1.383 | 1.129 | 919 | 1.230 | 538 | 761 | 571 | 674 | 900 |
| Setembro | 1.047 | 1.090 | 811 | 780 | | 568 | 599 | 545 | 586 | |
| Outubro | 899 | 1.107 | 913 | 978 | | 508 | 599 | 606 | 693 | |
| Novembro | 901 | 1.020 | 1.185 | 1.041 | | 746 | 680 | 797 | 665 | |
| Dezembro | 1.366 | 1.373 | 1.206 | 1.245 | | 677 | 777 | 724 | 625 | |
| MÉDIA | 864 | 1.085 | 968 | 1.023 | | 595 | 657 | 642 | 669 | |

**FONTE – Acompanhamento Conjuntural de Hortigranjeiros – GAA/Cobal– Minagri.**

**QUADRO 12 – CEBOLA – EVOLUÇÃO DOS PREÇOS MÉDIOS MENSAIS REAIS[1] NOS MERCADOS ATACADISTAS DE RECIFE E SALVADOR – JANEIRO DE 1980 A AGOSTO DE 1984**
**(Cr$/t)**

| MÊS | Ceasa/PE – RECIFE | | | | | Ceasa/BA – SALVADOR | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 | 1980 | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 |
| Janeiro | 924.321 | 362.208 | 572.205 | 467.244 | 403.746 | 1.007.627 | 300.205 | 563.634 | 350.132 | 371.929 |
| Fevereiro | 832.571 | 405.799 | 603.037 | 604.591 | 675.745 | 914.954 | 370.305 | 482.822 | 502.309 | 580.826 |
| Março | 885.793 | 639.763 | 873.219 | 807.555 | 1.071.975 | 811.465 | 634.369 | 756.579 | 711.501 | 1.043.303 |
| Abril | 893.010 | 731.552 | 1.045.444 | 966.339 | 1.207.040 | 840.597 | 518.008 | 965.359 | 894.919 | 1.360.413 |
| Maio | 1.038.862 | 629.070 | 1.433.845 | 750.117 | 1.024.420 | 1.083.744 | 523.896 | 1.312.555 | 655.504 | 1.109.290 |
| Junho | 1.456.141 | 395.923 | 1.020.565 | 846.821 | 551.600 | 1.370.151 | 329.222 | 878.481 | 788.437 | 571.016 |
| Julho | 1.059.821 | 212.054 | 718.596 | 713.173 | 250.000 | 858.976 | 204.697 | 816.817 | 720.525 | 258.970 |
| Agosto | 539.022 | 227.656 | 774.110 | 640.280 | 253.120 | 597.599 | 210.307 | 629.159 | 652.169 | 247.479 |
| Setembro | 379.118 | 188.914 | 770.882 | 531.175 | | 379.866 | 153.484 | 852.381 | 512.121 | |
| Outubro | 342.376 | 789.799 | 828.713 | 346.625 | | 370.196 | 612.791 | 840.047 | 339.264 | |
| Novembro | 304.510 | 692.171 | 580.148 | 223.700 | | 257.249 | 759.020 | 531.834 | 229.405 | |
| Dezembro | 278.993 | 726.878 | 453.755 | 236.746 | | 222.320 | 864.611 | 360.819 | 190.863 | |
| MÉDIA | 744.545 | 500.149 | 806.210 | 594.531 | | 726.229 | 456.743 | 749.207 | 545.596 | |

**FONTE – Acompanhamento Conjuntural de Hortigranjeiros – GAA/Cobal– Minagri.**
**[1] Valores corrigidos pelo IGP–DI, Coluna 2 de Conjuntura Econômica, para julho de 1984.**

**REGIÃO SUDESTE** – QUANTIDADE COMERCIALIZADA (t) E PREÇOS MÉDIOS MENSAIS REAIS* (Cr$ 1000/t)
NOS PRINCIPAIS MERCADOS ATACADISTAS

JAN/80 A AGO/84

GRÁFICO 02 –A

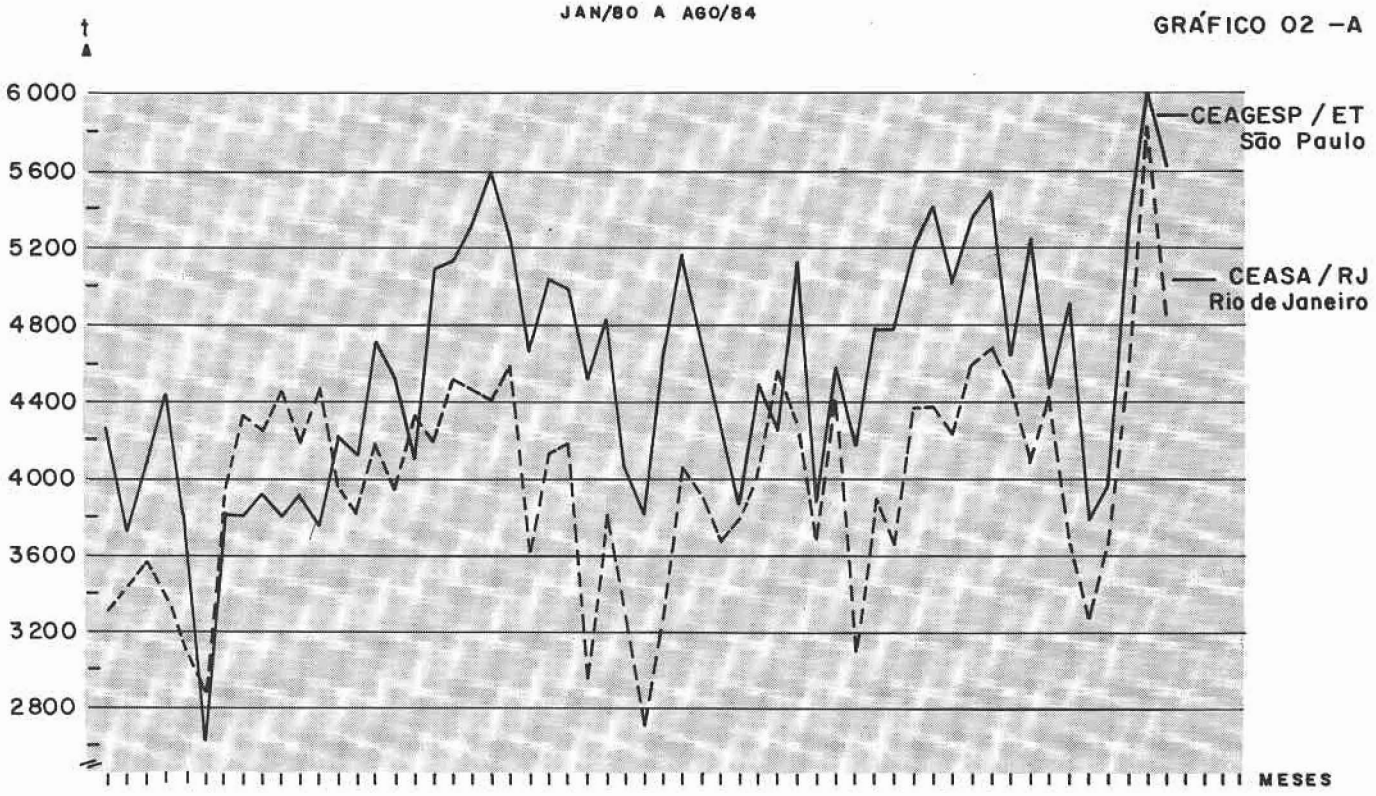
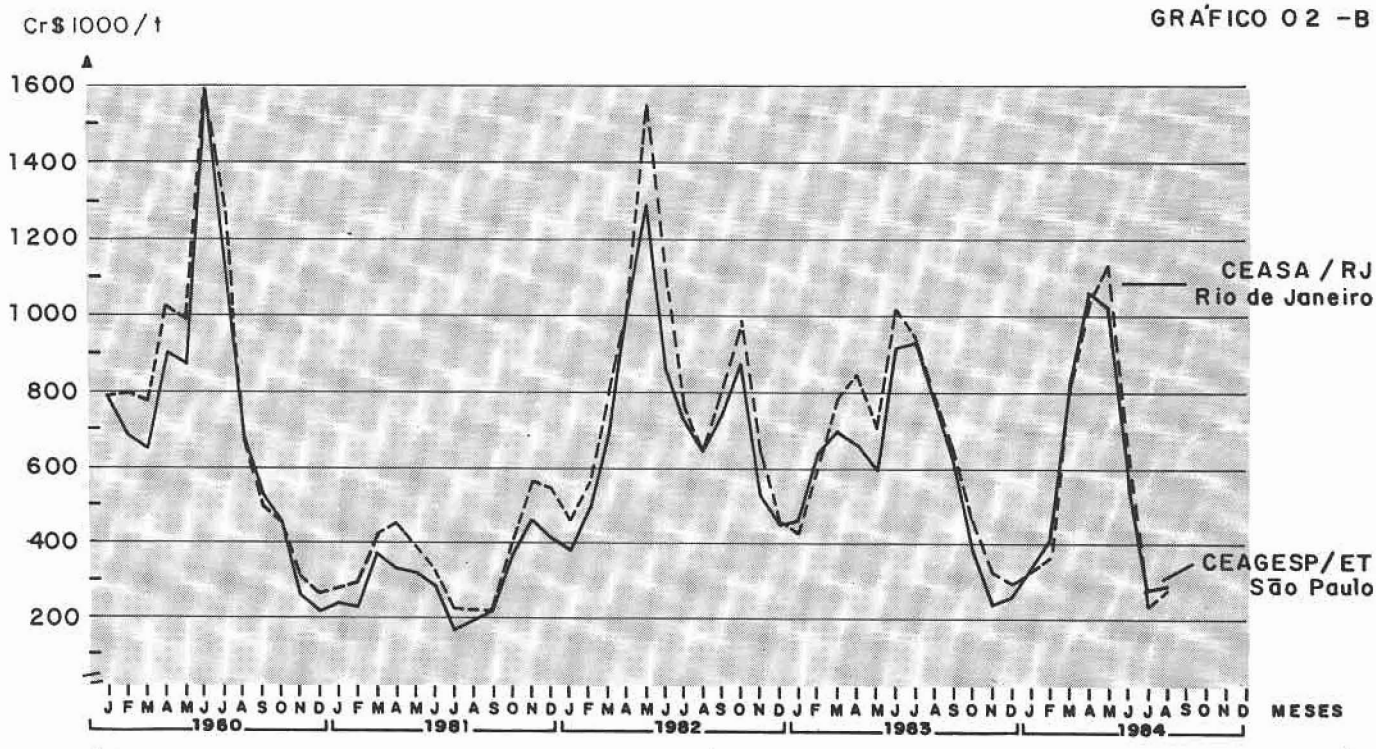



GRÁFICO 02 –B




* Valores corrigidos pelo IGP–DI, Coluna 2 de Conjuntura Econômica, para julho de 1984.
FONTE – Acompanhamento Conjuntural de Hortigranjeiros – GAA/Cobal – Minagri.

**REGIÃO SUL** – QUANTIDADE COMERCIALIZADA (t) E PREÇOS MÉDIOS MENSAIS REAIS* (Cr$ 1000/t)
NOS PRINCIPAIS MERCADOS ATACADISTAS
JUN/80 A AGO/84

GRÁFICO 03 – A

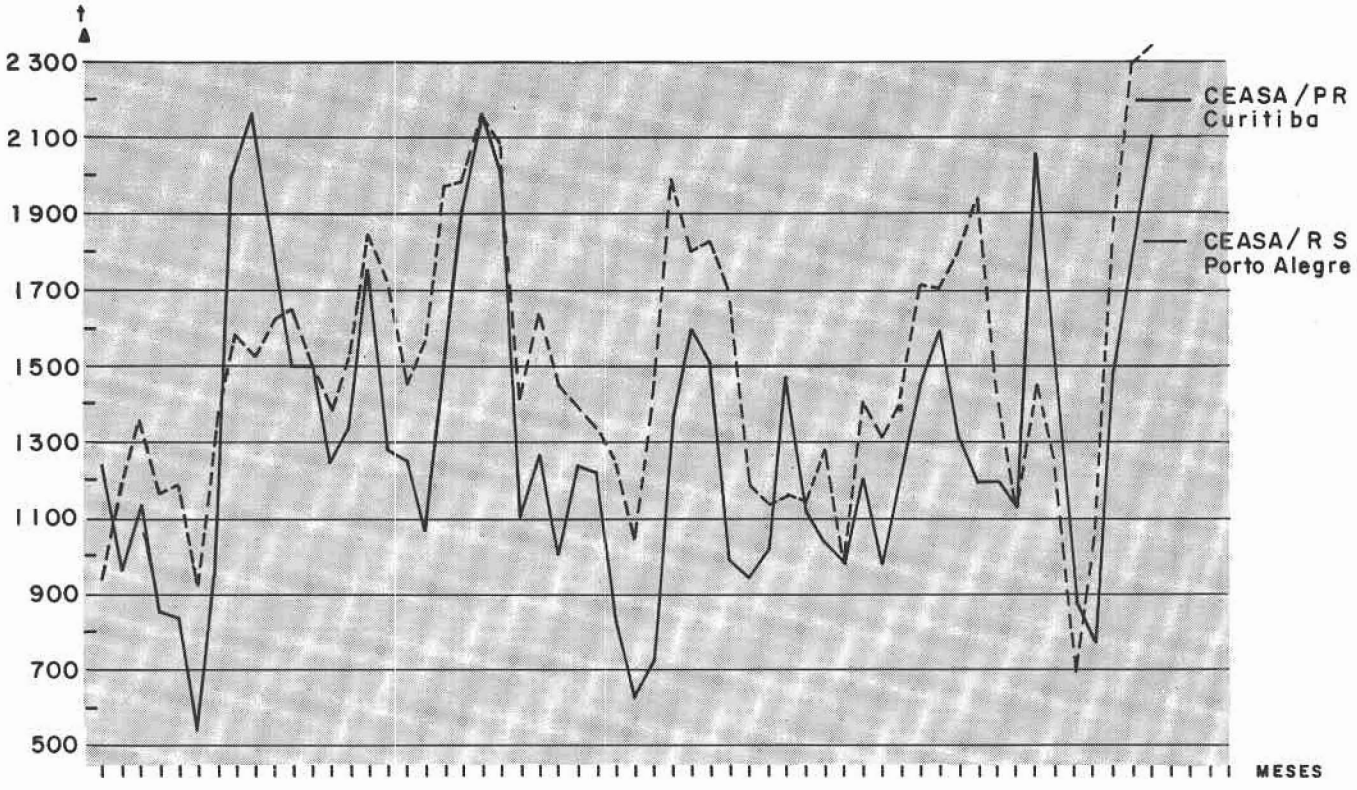
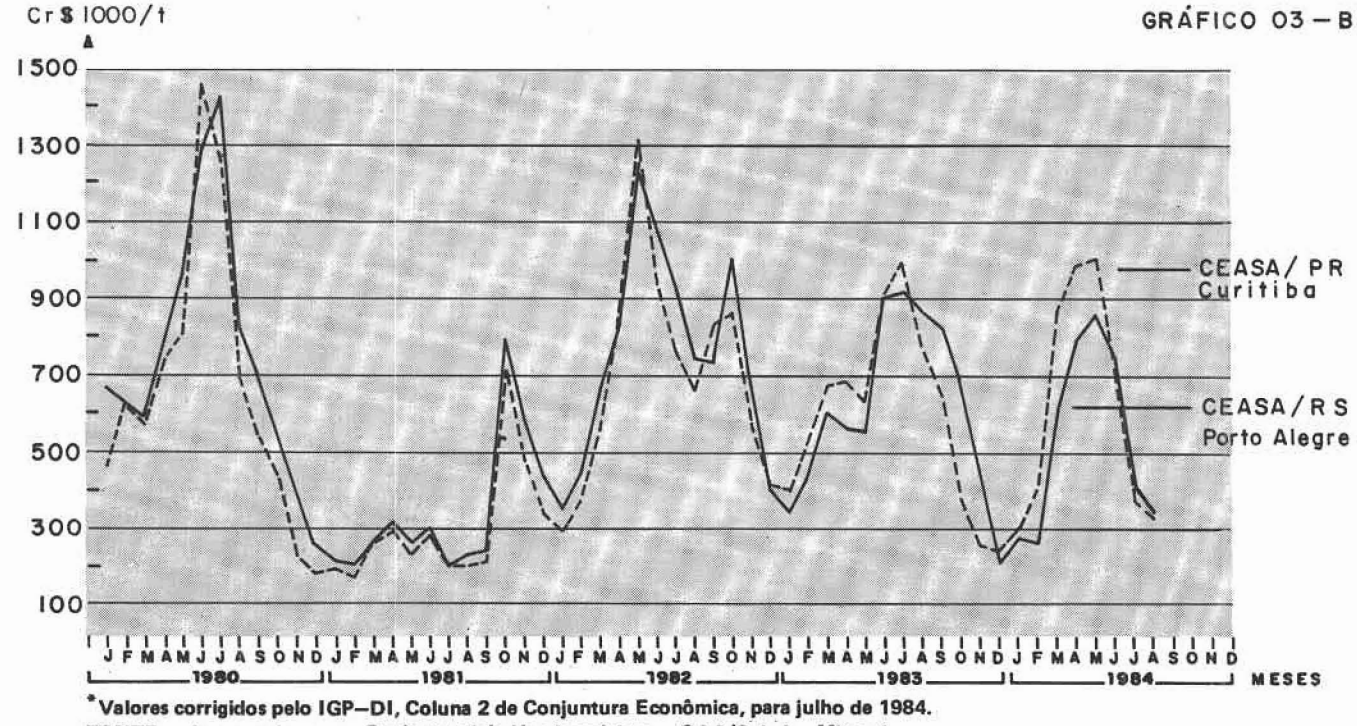



GRÁFICO 03 – B




*Valores corrigidos pelo IGP–DI, Coluna 2 de Conjuntura Econômica, para julho de 1984.
FONTE – Acompanhamento Conjuntural de Hortigranjeiros – GAA/Cobal – Minagri.

**QUADRO 13 – ESTIMATIVA DA APROPRIAÇÃO MENSAL E ANUAL (%) DOS GANHOS DO PRODUTOR, ATACADISTA E VAREJISTA NO VALOR TOTAL COMERCIALIZADO NO ESTADO DE SÃO PAULO – JANEIRO DE 1980 A AGOSTO DE 1984**

| MÊS | 1980 | | | 1981 | | | 1982 | | | 1983 | | | 1984 | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | PRODU-TOR | ATACA-DO | VARE-JO | PRODU-TOR | ATACA-DO | VARE-JO | PRODU-TOR | ATACA-DO | VARE-JO | PRODU-TOR | ATACA-DO | VARE-JO | PRODU-TOR | ATACA-DO | VARE-JO |
| Jan | 18 | 30 | 52 | 18 | 27 | 55 | 23 | 28 | 49 | 24 | 25 | 51 | 22 | 26 | 52 |
| Fev | 26 | 27 | 47 | 19 | 25 | 56 | 22 | 31 | 47 | 24 | 29 | 47 | 25 | 30 | 45 |
| Mar | 26 | 27 | 47 | 12 | 22 | 66 | 23 | 30 | 47 | 26 | 28 | 46 | 17 | 31 | 52 |
| Abr | 20 | 33 | 47 | 22 | 25 | 53 | 20 | 35 | 45 | 24 | 28 | 48 | 23 | 30 | 47 |
| Mai | 25 | 28 | 47 | 23 | 25 | 52 | 24 | 32 | 44 | 15 | 18 | 67 | 23 | 29 | 48 |
| Jun | 24 | 32 | 44 | 24 | 25 | 51 | 23 | 27 | 50 | 21 | 31 | 48 | 24 | 23 | 53 |
| Jul | 21 | 28 | 51 | 17 | 22 | 61 | 29 | 32 | 39 | 21 | 30 | 49 | 21 | 24 | 55 |
| Ago | 20 | 30 | 50 | 17 | 27 | 56 | 24 | 28 | 48 | 24 | 28 | 48 | 21 | 27 | 52 |
| Set | 20 | 29 | 51 | 18 | 28 | 54 | 22 | 29 | 49 | 22 | 28 | 50 | | | |
| Out | 13 | 32 | 55 | 23 | 32 | 45 | 23 | 30 | 47 | 24 | 23 | 53 | | | |
| Nov | 17 | 26 | 57 | 26 | 28 | 46 | 25 | 24 | 51 | 24 | 22 | 55 | | | |
| Dez | 20 | 25 | 55 | 22 | 27 | 51 | 21 | 24 | 55 | 21 | 28 | 51 | | | |
| MÉDIA | 21 | 30 | 49 | 20 | 26 | 54 | 23 | 29 | 48 | 22 | 27 | 51 | | | |

FONTE DOS DADOS BÁSICOS – FGV/IBRE/CEA, Acompanhamento Conjuntural de Hortigranjeiros – GAA/Cobal e IEA/SP.

No mercado varejista, enfocado no estado de São Paulo (principal produtor e consumidor), as cotações no período de janeiro de 1980 a agosto de 1984 refletem as oscilações dos preços no nível do produtor e no atacado, embora o grande número de intermediários tenda a retardar um pouco o efeito – preço no varejo, decorrente de um excesso ou de uma retração da oferta. Com relação às participações percentuais de cada um dos três segmentos do processo de comercialização no valor total comercializado, observa-se, no Quadro 13, que os varejistas absorvem os maiores ganhos desse processo, detendo, algumas vezes, mais da metade desse valor, enquanto os produtores ficam com a menor parte.

No que se refere à industrialização, os dados do **Censo Agropecuário de 1980** mostram que apenas 1% da produção é entregue diretamente pelos produtores a esse segmento. Além de pequenas indústrias, que beneficiam cebola para fabricação de picles, temperos em pasta e outros produtos semelhantes, indústrias maiores realizam a desidratação e a composição de alimentos. As principais são: a **Progasa** (Produtos Gaúchos Sociedade Anônima), localizada no Município de São José do Norte (RS), a **Nestlé**, em São José do Rio Pardo (SP) e a **Compal**, em Jaraguá do Sul (SC). A industrialização da cebola é de grande importância, na medida em que reduz o tempo de armazenamento do produto *in natura*, mas encontra vários entraves ao seu desenvolvimento, relacionados, sobretudo, com a falta de variedades adequadas para processamento, principalmente as cultivadas no Nordeste.

Com o propósito de evitar crises no abastecimento e reduzir as oscilações dos preços, foi instituído o **Plano Nacional de Produção e Abastecimento de Cebola** para o período 1980–84, enfatizando a produção de sementes e visando à sucessão solidária das safras, através do plantio das variedades mais indicadas nas diversas regiões produtoras. Embora se propondo a controlar o escalonamento do plantio por meio do crédito rural, bem como a contemplar com o seguro agrícola as lavouras e programar as compras por parte do governo federal para a absorção de excedentes (dentre outros benefícios), esse **Plano** ainda não atingiu seus objetivos. Apesar de o país vir atingindo a auto-suficiência, inúmeros outros problemas persistem. Por exemplo, no início do próximo ano, é possível que ocorram crises no abastecimento interno, devido ao atraso na colheita da região Sul, provocado pelo excesso de chuvas durante a fase de plantio.

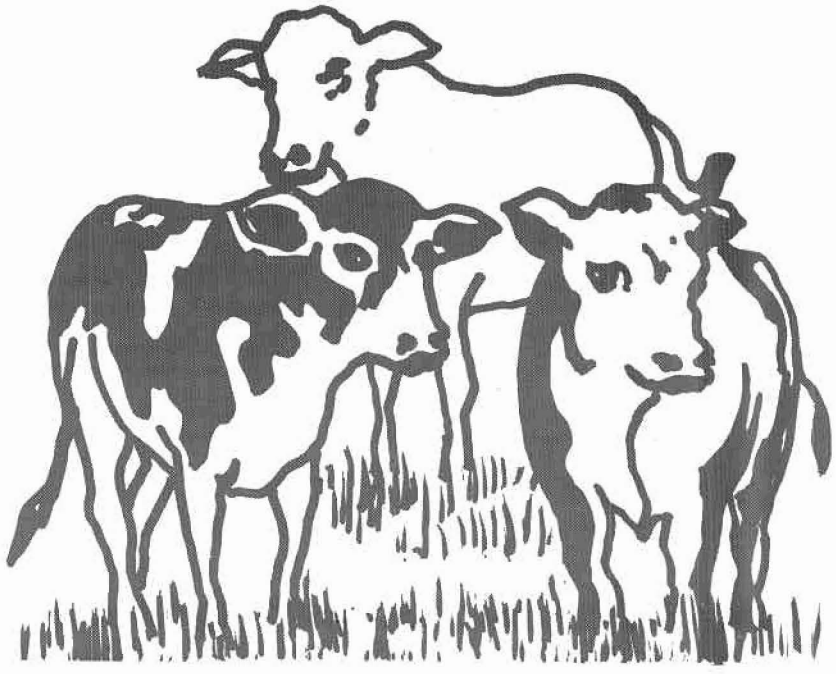
Seria muito importante aumentar o emprego, notadamente no Nordeste, de variedades menos perecíveis e, além disso, ampliar o armazenamento do produto, o que inclui a conservação da cebola sob refrigeração. A aquisição da cebola na época da safra, quando os preços são mais reduzidos, visando a revendê-la na entressafra, beneficiaria tanto os produtores como os consumidores.

(JANET FAJARDO ZAIDHAFT,
economista do Centro de Estudos
Agrícolas – FGV)

# PECUÁRIA DE CORTE

FINALMENTE, REVERTEU-SE O PROCESSO DE LIQUIDAÇÃO DO REBANHO BOVINO, INICIADO EM 1981. HÁ, AGORA, UMA TENDÊNCIA DE RETENÇÃO DE MATRIZES POR PARTE DO PECUARISTA. O CONSUMO INTERNO CONTINUA RETRAÍDO, EM RAZÃO DO BAIXO PODER AQUISITIVO DOS ASSALARIADOS. A ENTRADA DA SAFRA NORMALIZARÁ A OFERTA DE BOIS GORDOS, QUE DEVERÁ ESTABILIZAR OS PREÇOS DOS PRODUTOS PECUÁRIOS NO MERCADO INTERNO.

Segundo a pesquisa de **Abate de Animais e Peso das Carcaças,** do **IBGE,** a matança de bovinos, nos primeiros sete meses de 1984, alcançou cerca de 6 milhões de cabeças, 13% a menos do que em igual período de 1983, refletindo não só a diminuição da oferta de bois gordos mas, principalmente, o aumento da retenção de matrizes. De fato, registrou-se no período uma redução de 571 mil vacas abatidas (–22,6%), enquanto a matança de bois gordos acusou uma queda de 363 mil cabeças (–13%). A queda de quatro pontos percentuais na proporção de ventres abatidos constitui um indício de que, finalmente, foi revertido o processo de liquidação do rebanho, iniciado no segundo semestre de 1981. A quantidade de carne produzida (1,4 milhão de t, em equivalente-carcaça) representou uma queda de 9,8%, justamente pelo arrefecimento no abate de matrizes, cujo peso médio é menor do que o dos bois (ver Quadro 14).



O movimento ascendente dos preços dos produtos pecuários, iniciado em 1983 e mantido no corrente ano, resulta da escassez de animais prontos para a matança e explica a tendência recente de retenção de matrizes por parte do pecuarista. Como já foi destacado em **Agroanalysis,** vol. 8, nº 6, esta é a primeira vez que, nos últimos 32 anos, a majoração de preços coincide com uma fase recessiva da economia. Neste senti-

**QUADRO 14 – BRASIL – ABATE DE BOVINOS E PESO DAS CARCAÇAS – JANEIRO A JULHO DE 1983 E 1984**

| DISCRIMINAÇÃO | ANO DE 1983 | | | | ANO DE 1984 | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Total | Boi | Vaca | Vitelo | Total | Boi | Vaca | Vitelo |
| Abate (1.000 cab) | 7.417 | 4.831 | 2.527 | 60 | 6.456 | 4.468 | 1.956 | 32 |
| Peso das carcaças (t) | 1.538.741 | 1.098.779 | 434.455 | 5.507 | 1.388.352 | 1.041.537 | 343.979 | 2.836 |
| Peso médio (kg) | 207,5 | 227,4 | 171,9 | 91,8 | 215,0 | 233,1 | 175,9 | 88,6 |

**FONTE – IBGE.**

**NOTA – Em 1983, relativamente ao total, foram abatidos 34% de vacas e, em 1984, 30%. Em termos de peso das carcaças, esses percentuais foram, respectivamente, iguais a 28% e 25%.**

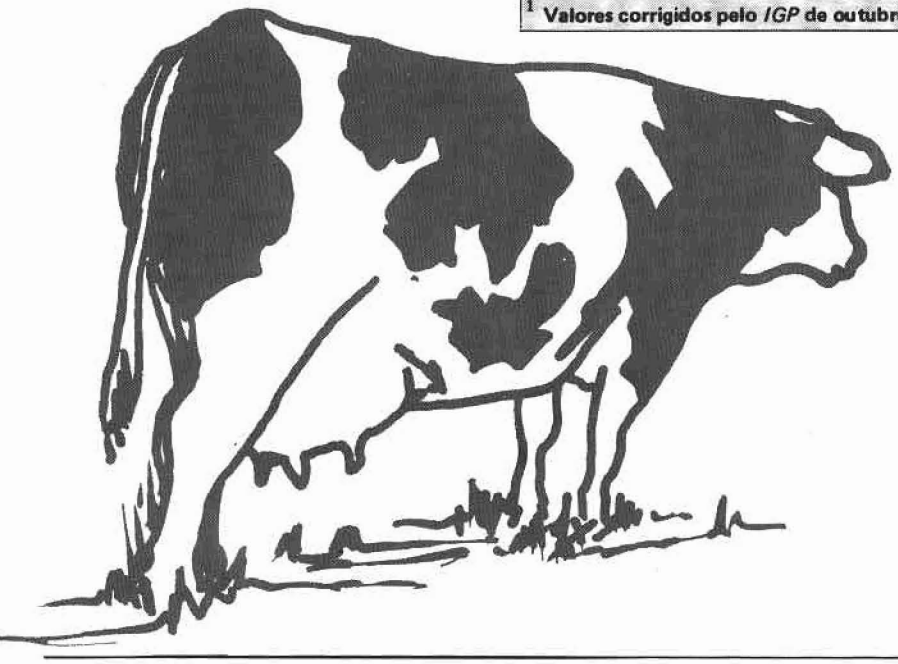
do, muito embora as vendas externas mantenham-se no mesmo nível elevado do ano passado, o comportamento dos preços dos diferentes produtos pecuários tem-se mostrado mais discrepante do que nos anos anteriores. Os aumentos reais de 44% para os bezerros, de 33% para o boi magro, de 21% para o boi gordo e de 2% para a carne bovina, nos primeiros nove meses de 1984, configuram forte distorção no mercado, em que o segmento varejista é evidentemente o mais sacrificado (ver Quadro 15). Assinale-se que nem mesmo a pequena ingerência governamental no mercado na entressafra deste ano foi capaz de contrabalançar a tendência de queda de preço em nível do consumidor, que, às voltas com salários reais cadentes, absteve-se de comprar.

*". . . a retração do consumo pode ser considerada a causa principal do pequeno aumento do preço médio da carne bovina . . ."*

**QUADRO 15 – PREÇOS REAIS[1] RECEBIDOS PELOS PRODUTORES NO ESTADO DE SÃO PAULO E DA CARNE BOVINA NO VAREJO NA CIDADE DE SÃO PAULO – JANEIRO A SETEMBRO DE 1983 E 1984**

| MÊS | PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES NO ESTADO DE SÃO PAULO | | | PREÇO NO VAREJO NA CIDADE DE SÃO PAULO |
|---|---|---|---|---|
| | Bezerro (Cr$/cab) | Boi magro (Cr$/cab) | Boi gordo (Cr$/@) | (Cr$/kg) |
| 1983 | | | | |
| Janeiro | 139.735 | 303.518 | 32.288 | 4.526 |
| Fevereiro | 139.838 | 219.276 | 31.600 | 4.649 |
| Março | 137.842 | 294.727 | 32.356 | 4.538 |
| Abril | 198.927 | 433.053 | 38.248 | 4.986 |
| Maio | 188.690 | 407.985 | 37.544 | 4.762 |
| Junho | 176.264 | 366.407 | 34.828 | 4.514 |
| Julho | 204.795 | 374.726 | 41.431 | 5.422 |
| Agosto | 227.193 | 412.332 | 43.883 | 5.468 |
| Setembro | 243.270 | 417.612 | 54.286 | 6.656 |
| MÉDIA | 184.062 | 369.960 | 38.496 | 5.058 |
| 1984 | | | | |
| Janeiro | 219.091 | 471.332 | 47.432 | 5.629 |
| Fevereiro | 237.545 | 467.009 | 45.698 | 5.299 |
| Março | 250.868 | 477.903 | 42.682 | 4.912 |
| Abril | 254.851 | 498.405 | 40.186 | 4.479 |
| Maio | 273.371 | 492.860 | 46.582 | 5.158 |
| Junho | 278.887 | 500.576 | 44.940 | 4.827 |
| Julho | 283.556 | 501.713 | 45.834 | 4.813 |
| Agosto | 284.226 | 479.441 | 46.926 | 4.972 |
| Setembro | 303.332 | 551.606 | 58.924 | 6.301 |
| MÉDIA | 265.081 | 493.427 | 46.578 | 5.154 |

FONTE DOS DADOS BÁSICOS – IEA–SP.
[1] Valores corrigidos pelo *IGP* de outubro de 1984.



Muitos poderão contra-argumentar que intervenção oficial houve e de modo intenso, através de constantes anúncios de importação de carne bovina, de acordo com frigoríficos para estocagem do produto e em troca de perdão de juros. É evidente, no entanto, que esses artifícios têm pouco poder de influência no mercado quando comparados à existência real de um estoque regulador que, este ano, o governo não formou, quebrando rotina de uma década. Registre-se, ainda, que a distribuição de carne de procedência uruguaia só veio a ocorrer no fim do mês de outubro, após uma pro-

**QUADRO 16 – BRASIL – EXPORTAÇÃO DE CARNE BOVINA – JANEIRO A AGOSTO – 1983–84**

| ANO | CARNE DE BOVINO CONGELADA, FRESCA OU REFRIGERADA | | | CARNE DE BOVINO INDUSTRIALIZADA | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | QUANTIDADE (t) | VALOR–FOB (US$/1.000) | PREÇO–FOB (US$/t) | QUANTIDADE (t) | VALOR–FOB (US$/1.000) | PREÇO–FOB (US$/t) |
| 1983 | 90.337 | 156.184 | 1.728,90 | 88.327 | 214.545 | 2.428,99 |
| 1984 | 83.285 | 150.043 | 1.801,56 | 90.641 | 197.950 | 2.183,99 |
| Variação (%) | –7,8 | –3,9 | 4,2 | 2,6 | –7,7 | –10,1 |

**FONTE DOS DADOS BÁSICOS – Cacex.**

**NOTA – Em equivalente-carcaça foram exportadas 356.326 t e 351.530 t em 1983 e 1984, respectivamente, significando –1,3%. Estima-se que, em 1984, serão exportadas 527.295 t em equivalente-carcaça.**

telação de quatro semanas, quando praticamente se encerrava a entressafra. Assim, a retração do consumo pode ser considerada a causa principal do pequeno aumento do preço médio da carne bovina, nos primeiros nove meses de 1984.

Para esse resultado, tem sido decisiva a contribuição dos supermercados, segmento varejista que, ao longo do ano, vem promovendo ofertas constantes de carne bovina a preços reduzidos, como instrumento de atração de maior número de consumidores, que são compradores eventuais de outros artigos. Aos açougueiros vem cabendo, pois, a maior quota de sacrifício pela impossibilidade de utilização desses artifícios mercadológicos, devido à linha restrita de produtos, agravando a crise de liquidez da categoria.

Com a entrada da safra, a normalização da oferta de bois gordos deverá provocar uma certa estabilização dos preços, podendo-se prever, então, que no corrente ano somente o varejo da carne bovina registrará uma queda no preço médio final. Os demais produtos pecuários, em face do aumento médio real alcançado nos nove primeiros meses, deverão registrar majorações de preços em 1984.

A se confirmar, até o final do ano, a queda de produção de carne bovina (–9,8%, nos primeiros sete meses), é lícito supor que o consumo interno também se contrairá, uma vez que, até agosto, as exportações indicavam a repetição do desempenho do ano passado, isto é, aproximadamente 500 mil t em equivalente-carcaça (ver Quadro 16). Desse modo, a disponibilidade interna será da ordem de 1,7 milhão de t em equivalente-carcaça, correspondendo a um consumo *per capita*(*) de 12,9 kg, isto é, 1,8 kg a menos do que o estimado para o ano passado. Esta marca, além de ratificar a previsão pessimista inicial de que a deterioração da dieta alimentar da população prosseguiria no corrente ano, põe em relevo a advertência de especialistas em pecuária sobre a necessidade de uma programação de longo prazo para a atividade, de modo a se retomar o crescimento da produção de carne bovina no país.



**(*) Baseado no seguinte balanço: produção (2,1 milhões de t) – exportação (500 mil t) + importação (70 mil t).**

# SUINOCULTURA

COMO REFLEXO DA ENTRESSAFRA, O RECENTE AUMENTO NO PREÇO DO MILHO PREOCUPA OS CRIADORES, QUE REAVALIAM SEUS PLANOS DE EXPANSÃO DO REBANHO. POR CONSEQÜÊNCIA, O PREÇO DA CARNE SUÍNA, NO ÚLTIMO BIMESTRE, NÃO SERÁ MUITO FAVORÁVEL AO CONSUMIDOR FINAL, QUE, MAIS UMA VEZ, DEVERÁ DAR PREFERÊNCIA ÀS CARNES AVÍCOLAS, MESMO NAS COMEMORAÇÕES DE FIM DE ANO.

Após a forte elevação das cotações do milho, na entressafra do ano passado, os criadores intensificaram o envio de suínos ao abate, na esperança da recuperação futura dos preços (ver **Agroanalysis**, vol. 8, nº 6). O Gráfico 04 mostra como, à medida que decrescia o preço relativo suíno/milho na Região Sul, elevavam-se os abates.

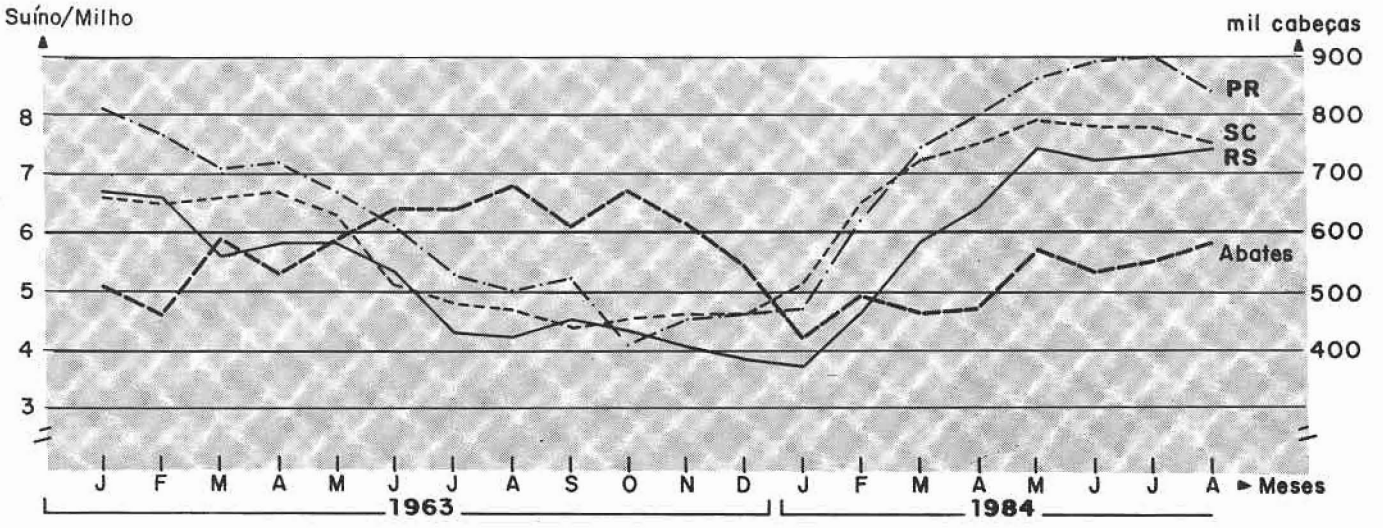
A partir de fevereiro, porém, quando o milho da safra 1983/84 começou a ser colhido, inverteu-se a tendência de queda da lucratividade da criação, que passou a se recompor no Paraná e em Santa Catarina.

A pressão compradora das indústrias, que dispunham de capacidade ociosa, provocou alta real do preço do animal terminado, da ordem de 12% na Região Sul, já em fevereiro. Em março, o preço real médio do suíno gordo nos estados sulinos elevou-se 48% em relação ao de um ano antes. No Rio Grande do Sul, onde foram particularmente sérias as perdas da safra de milho 1983/84, este diferencial foi de 52%. Naquele estado, a suinocultura, por não ser integrada a grandes indústrias, encontra-se permanentemente à mercê das crises no abastecimento do cereal. Além disso, eventualmente, fornece animais aos grandes abatedouros de Santa Catarina quando os rebanhos locais são insuficientes.

Paralelamente, o inverno rigoroso, ao afetar os pastos e provocar aumento de preço da carne bovina, ampliou a demanda de carne porcina, tradicional nessa época do ano. Devido, também, à pequena disponibilidade do animal, os criadores passaram a diminuir a quantidade de terminados enviados aos abatedouros sob inspeção federal, conforme os números da **Pesquisa de Abate de Animais** do **IBGE** (ver Gráfico 05). De janeiro a julho, o abate de suínos no país foi 12% menor do que no mesmo período do ano passado e, no caso particular dos leitões, a queda atingiu quase 38%.

Mais recentemente, porém, os cria-

**GRÁFICO 04** PARANÁ, SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL — ABATES MENSAIS DE SUÍNOS E PREÇOS RELATIVOS SUÍNO/MILHO — JANEIRO DE 1983 A AGOSTO DE 1984




FONTE — Cepa's estaduais (abates) e FGV/IBRE/CEA (preços relativos)

dores vêm-se defrontando com a majoração dos preços do milho, o que os tem levado a reavaliar seus planos de expansão do rebanho. Os aumentos recentes registrados na cotação do cereal refletem apenas a situação de entressafra, não devendo igualar-se aos percentuais alcançados no segundo semestre do ano passado. Ainda assim, não deixam de gerar uma certa apreensão.

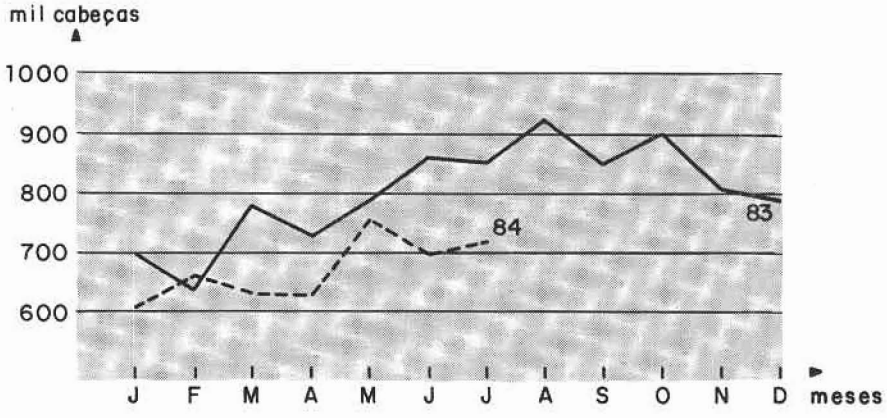
No entanto, deve-se notar que a melhoria de lucratividade auferida pelos suinocultores não se verificou sem um certo sacrifício da atividade, uma vez que, com a alta de preços, a carne suína voltou a perder espaço no mercado de carnes em geral. Obviamente, a causa primária dessa perda foi a impossibilidade de repassar totalmente a alta de preços em nível de produtor a um público cujo poder de compra vem sofrendo perda real desde 1979. Basta dizer que, de janeiro a setembro deste ano, o poder de compra do salário mínimo correspondeu a apenas 26 kg de carne suína/mês, enquanto em igual período de 1983 e de 1982, foi de 31 kg e 34 kg, respectivamente.

Para o último bimestre, a perspectiva de preço da carne suína não se afigura mais favorável ao consumidor final, em virtude da tendência de alta nas cotações do milho até a entrada do produto da safra 1984/85. Isto porque, é precisamente nesta época que o segmento industrial intensifica as suas compras para fazer face ao aumento da procura característico das festas natalinas, favorecendo, também, o aquecimento das cotações. Além disso, deve ser acrescentada a elevada capacidade ociosa de diversas indústrias, fazendo supor uma disputa mais intensa pelo animal terminado.

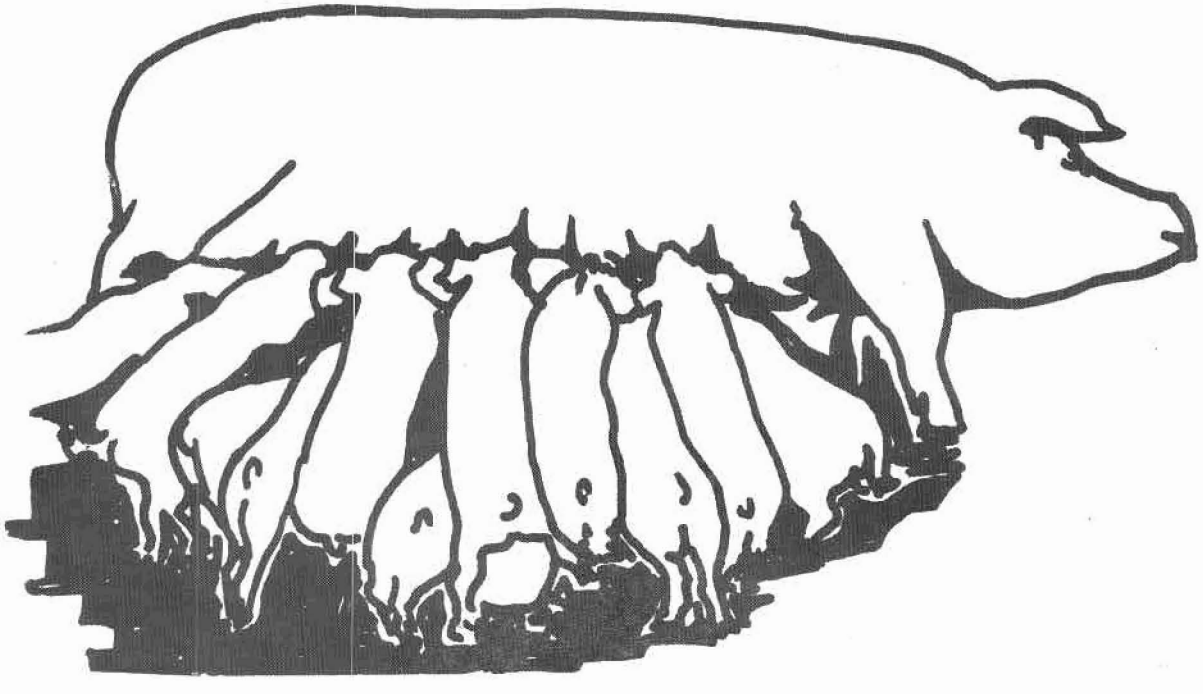
Em conseqüência, torna-se muito provável que as festas natalinas de 1984 venham registrar uma procura mais acentuada de carnes avícolas, cujos preços são mais atraentes e cujo consumo tradicionalmente aumenta nesta fase do ano.

**BRASIL** – ABATES MENSAIS DE SUÍNOS EM ESTABELECIMENTOS **SIF**
janeiro de 1983 a julho de 1984

**GRÁFICO 05**




**FONTE – IBGE.**



# FEIJÃO

A EVOLUÇÃO DOS PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES E O PREÇO BÁSICO CONSIDERADO ESTIMULANTE SUGERIAM UM AUMENTO DO PLANTIO, QUE ACABOU SENDO PREJUDICADO POR ADVERSIDADES CLIMÁTICAS. MANTENDO-SE AS ATUAIS CONDIÇÕES DA SAFRA, O ABASTECIMENTO NÃO DEVERÁ APRESENTAR MAIORES PROBLEMAS, NOS PRÓXIMOS MESES.

O plantio da **safra das águas**, em linhas gerais, vem correspondendo às expectativas. Possivelmente, será repetida a área plantada da **safra das águas** anterior, podendo ocorrer um ligeiro aumento. Na maior parte dos principais estados produtores, as estimativas do plantio confirmam que a lavoura de feijão, este ano, foi atraente para os agricultores. Como principais fatores de estímulo, houve o comportamento dos preços (ver Quadro 17), sobre os quais repercutiram as notícias de quebra da safra da Bahia, no primeiro semestre e de geadas no Paraná, no segundo. Daí, a fixação de um **preço básico** considerado estimulante. Também a pouca atratividade do milho, competidor em área, ajudou. Alguns fatores limitantes foram a tradicional incerteza quanto à resistência das lavouras e o alto custo dos insumos e do crédito.

No Paraná, o principal estado produtor da **primeira safra**, a área de cultivo só não será maior do que a do ano passado porque o replantio nas zonas atingidas pelas geadas não pode ser completado. Com a inclusão da área da **safra de inverno**, o atual plantio paranaense está estimado, pelo **Departamento de Economia Rural** do estado, em 665 mil ha (a safra 1983/84 chegou aos 672 mil ha). As geadas afetaram 135 mil ha dos 180,6 mil ha que haviam sido plantados até setembro e, embora ainda houvesse tempo para replantar, muitos optaram por ampliar as lavouras de algodão, cujo mercado também esteve bastante favorável, este ano. Foram replantados 98 mil ha de feijão e,

**QUADRO 17 – BRASIL – EVOLUÇÃO NOMINAL DOS PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES EM ESTADOS SELECIONADOS – JANEIRO DE 1983 A OUTUBRO DE 1984 (Cr$/kg)**

| ESTADO | jan | fev | mar | abr | mai | jun | jul | ago | set | out | nov | dez |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Paraná | | | | | | | | | | | | |
| 1983 | 90,80 | 99,88 | 105,01 | 127,40 | 156,68 | 180,38 | 236,43 | 281,68 | 344,44 | 424,70 | 461,54 | 473,03 |
| 1984 | 484,69 | 504,85 | 592,99 | 861,27 | 1.092,95 | 1.083,39 | 1.091,25 | 1.120,11 | 1.169,40 | 1.275,46 | | |
| Santa Catarina | | | | | | | | | | | | |
| 1983 | 95,01 | 106,02 | 117,41 | 122,71 | 137,87 | 145,29 | 164,77 | 179,41 | 204,96 | 212,38 | 224,67 | 270,89 |
| 1984 | 323,13 | 370,71 | 377,14 | 457,67 | 519,57 | 573,99 | 591,00 | 591,96 | 687,75 | 785,05 | | |
| Ceará | | | | | | | | | | | | |
| 1983 | 95,78 | 107,77 | 143,63 | 146,46 | 167,86 | 179,33 | 289,05 | 409,20 | 587,81 | 709,24 | 737,82 | 802,04 |
| 1984 | 898,62 | 946,14 | 1.115,11 | 1.055,05 | 710,45 | 518,24 | 496,45 | 496,07 | 545,15 | 678,36 | | |
| São Paulo | | | | | | | | | | | | |
| 1983 | 126,33 | 128,45 | 176,80 | 238,63 | 232,68 | 293,63 | 347,52 | 399,97 | 648,30 | 705,60 | 643,18 | 575,67 |
| 1984 | 557,90 | 738,08 | 1.158,32 | 1.898,72 | 1.415,18 | 1.301,40 | 1.269,22 | 1.229,90 | 1.229,90[1] | | | |
| Bahia | | | | | | | | | | | | |
| 1983 | 107,40 | 124,90 | 149,16 | 165,74 | 167,78 | 230,67 | 315,95 | 403,81 | 519,65 | 678,11 | 725,95 | 743,25 |
| 1984 | 815,73 | 824,05 | 1.052,00 | 1.470,65 | 1.945,40 | 1.404,73 | 1.262,20 | 1.218,90 | 1.121,65 | 1.291,20 | | |

**FONTE – FGV/IBRE/CEA.**

[1] **Números preliminares.**

como a quebra foi mais intensa no Norte do estado, que planta de julho a agosto e, majoritariamente, **feijão de cores,** espera-se maior participação do **feijão preto** (já em 1983/84, o **feijão preto** havia passado de 52% para 63% da safra paranaense). Devido ao calendário agrícola da região Norte, não se podia mais, após a frustração, replantar os **feijões de cores** e os 37 mil ha que não foram cobertos pelo replantio situam-se naquela área.

No Norte e no Sudoeste, está sendo iniciada a colheita, mas o plantio em todo o estado ainda não foi encerrado, prevendo-se seu término no final de novembro. Nas áreas em que a colheita já foi iniciada, a escassez de recursos para a aquisição da safra pelo governo federal tem gerado muitas expectativas, com intermediários fazendo ofertas consideradas baixas, e até irrisórias, pelos produtores.

Problemas climáticos também estão afetando as lavouras de outras regiões e não se pode avaliar em que medida prejudicarão a produção. Em Santa Catarina, depois de semanas de estiagem, fortes chuvas vêm caindo desde meados de novembro e, embora a estimativa da produtividade física venha sendo mantida em 900 kg/ha, poderão comprometer a safra. O **IBGE** estima a área cultivada em cerca de 255 mil ha, 5% a mais do que na **safra das águas** passada, avaliação considerada conservadora por outras entidades ligadas à agricultura. O plantio atrasou em razão do frio e das geadas e a colheita deverá iniciar-se depois da segunda quinzena de dezembro.

Também por dificuldades com o clima, os agricultores catarinenses praticamente não plantaram feijão em 1979, depois de dois anos seguidos de pouca precipitação. Agora, porém, além das condições climáticas de safras recentes não terem sido desencorajadoras, os altos preços alcançados pelo feijão, este ano (chegou aos Cr$ 130 mil/saca no nível do produtor), fizeram com que a opção pela lavoura ganhasse destaque.

Em São Paulo os problemas são semelhantes. A estiagem levou a que a previsão de 221,9 mil ha plantados não fosse concretizada, estimando-se uma redução de 13,8%. Conforme a avaliação do **Instituto de Economia Agrícola,** este percentual se refere, de fato, à área não plantada, de produtores que posteciparam a semeadura e perderam a época ideal de plantio. Segundo o **IEA,** muitos agricultores ainda pensavam em retomar o cultivo e talvez cerca de 5% de área sejam ocupados, possibilitando ampliar a área cultivada. Não é possível, ainda, avaliar a produtividade física da safra, embora a colheita já se tenha iniciado e o **IEA** a considere como de aproximadamente 14 sacas/ha.

A safra da Bahia, detentora da maior área de plantio do Nordeste, ainda está indefinida. Até fim de outubro, 10% da área a ser cultivada na região de Irecê haviam sido semeados, mas a falta de chuvas impediu

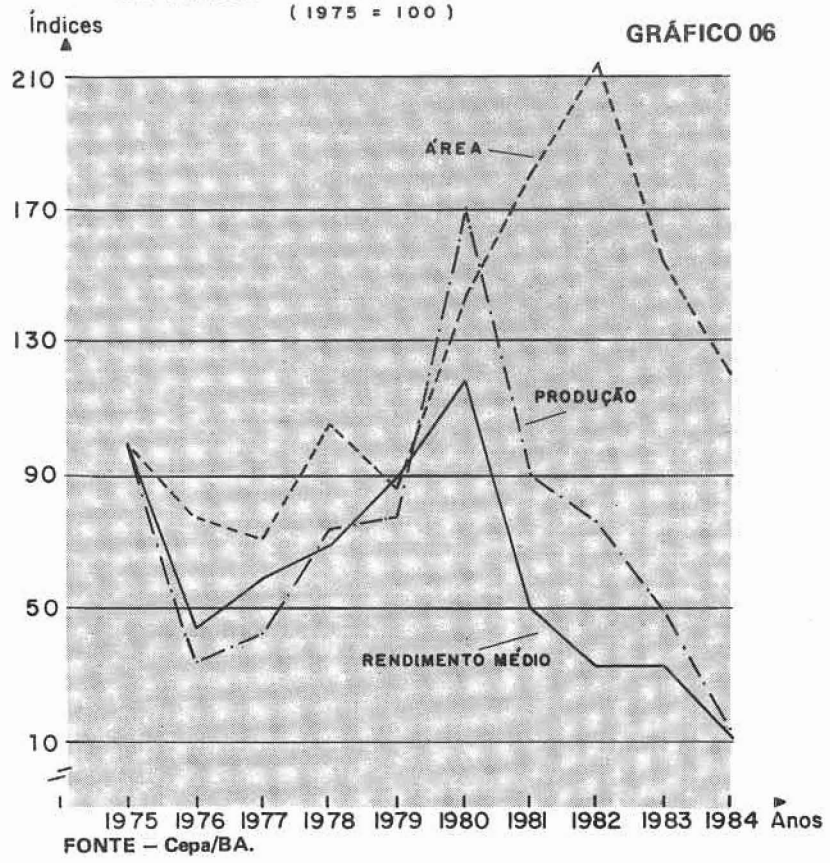
**QUADRO 18 – FEIJÃO – EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DA PRIMEIRA SAFRA DA BAHIA – 1981/82 A 1983/84**

| SAFRA | ÁREA COLHIDA (ha) | PRODUÇÃO (t) | RENDIMENTO (kg/ha) |
|---|---|---|---|
| 1981/82 | 463.773 | 68.638 | 143 |
| 1982/83 | 332.826 | 64.701 | 195 |
| 1983/84 | 244.973 | 14.943 | 61 |

FONTE – IBGE.

**FEIJÃO** – EVOLUÇÃO DA ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO DA PRIMEIRA SAFRA DA BAHIA — 1975 A 1984
( 1975 = 100 )

**GRÁFICO 06**




FONTE – Cepa/BA.

que se prosseguisse. Apenas na última semana de novembro voltou a chover, permitindo a retomada do plantio e, até a colheita, em fevereiro, nada se pode antecipar. Atualmente, espera-se uma repetição de área colhida na primeira safra do ano passado, mas, segundo a **Cepa**, é possível sua superação, caso a atual escassez de crédito se atenue. A **safra das águas** passada vinha sendo estimada, até janeiro, em 88,3 mil t, numa área de 341 mil ha, mas a inclemência climática fez com que se colhessem apenas 14,9 mil t, em cerca de 245 mil ha (ver Quadro 18). O Gráfico 06 mostra a evolução da área, produção e rendimento agrícola da primeira safra baiana, permitindo ver o forte impacto da seca que assola a região, há cinco anos.

Aliás, o nó górdio da produção de feijão, no Brasil, sempre foi a produtividade física das lavouras. Entre os cinco maiores produtores mundiais (ver **Agroanalysis**, volume 7, nº 11), o rendimento do cultivo brasileiro (em geral ocupando a primeira ou a segunda posição, em termos de quantidade produzida) só ultrapassa o da Índia.

O Quadro 19 apresenta a evolução da área colhida, da produção e da produtividade física no Brasil, nas últimas décadas, mostrando que à contínua extensão do cultivo corresponde uma queda acentuada da produtividade. Os dados do **Censo Agropecuário de 1980** (ver Quadro 20) ilustram algumas das principais razões deste fraco desempenho, cabendo destacar que só após a criação da **Embrapa**, em 1974, o feijão passou a merecer maior atenção por parte de organismos de pesquisa (ver **Agroanalysis**, volume 7, nº 4).

Em termos de mercado, como sempre acontece quando há a expectativa de uma boa produção, os preços pouco têm evoluído nas últimas semanas. No caso dos **feijões de cores**, o mercado está fraco e, no do **feijão preto**, fraquíssimo. Os primeiros tiveram uma alta no atacado, no início

**QUADRO 19 – BRASIL – PRODUÇÃO DE FEIJÃO – 1938 A 1984**

| ANO | ÁREA (ha) | PRODUÇÃO (t) | RENDIMENTO (kg/ha) | ANO | ÁREA (ha) | PRODUÇÃO (t) | RENDIMENTO (kg/ha) |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1938 | 1.001.285 | 854.167 | 853 | 1961 | 2.580.567 | 1.744.561 | 676 |
| 1939 | 1.005.429 | 789.722 | 785 | 1962 | 2.716.257 | 1.708.983 | 629 |
| 1940 | 978.508 | 767.314 | 784 | 1963 | 2.982.436 | 1.942.364 | 651 |
| 1941 | 985.060 | 874.897 | 888 | 1964 | 3.130.562 | 1.950.683 | 623 |
| 1942 | 977.413 | 837.672 | 857 | 1965 | 3.272.525 | 2.289.796 | 700 |
| 1943 | 1.072.454 | 918.672 | 857 | 1966 | 3.324.592 | 2.148.100 | 646 |
| 1944 | 1.349.505 | 1.042.520 | 773 | 1967 | 3.650.568 | 2.547.577 | 698 |
| 1945 | 1.432.190 | 1.002.446 | 700 | 1968 | 3.663.301 | 2.419.677 | 661 |
| 1946 | 1.402.576 | 1.020.995 | 728 | 1969 | 3.633.264 | 2.199.974 | 606 |
| 1947 | 1.583.723 | 1.046.234 | 661 | 1970 | 3.484.778 | 2.211.449 | 635 |
| 1948 | 1.650.007 | 1.132.610 | 686 | 1971 | 3.936.281 | 2.687.989 | 683 |
| 1949 | 1.790.966 | 1.256.848 | 702 | 1972 | 3.971.034 | 2.676.225 | 674 |
| 1950 | 1.807.956 | 1.248.138 | 690 | 1973 | 3.814.662 | 2.228.940 | 584 |
| 1951 | 1.787.465 | 1.237.662 | 692 | 1974 | 4.292.664 | 2.238.012 | 521 |
| 1952 | 1.838.392 | 1.151.708 | 626 | 1975 | 4.142.652 | 2.270.747 | 548 |
| 1953 | 1.995.136 | 1.386.600 | 695 | 1976 | 4.037.634 | 1.842.262 | 456 |
| 1954 | 2.199.055 | 1.544.228 | 702 | 1977 | 4.561.807 | 2.327.200 | 510 |
| 1955 | 2.228.539 | 1.474.985 | 662 | 1978 | 4.592.770 | 2.187.378 | 476 |
| 1956 | 2.257.260 | 1.379.327 | 611 | 1979 | 4.212.424 | 2.186.343 | 519 |
| 1957 | 2.323.473 | 1.582.017 | 681 | 1980 | 4.643.409 | 1.968.165 | 424 |
| 1958 | 2.124.493 | 1.453.613 | 684 | 1981 | 5.026.925 | 2.340.947 | 466 |
| 1959 | 2.378.774 | 1.549.644 | 651 | 1982 | 5.926.143 | 2.902.657 | 490 |
| 1960 | 2.560.281 | 1.730.795 | 676 | 1983 | 4.068.872 | 1.586.993 | 390 |
| | | | | 1984[1] | 5.319.338 | 2.614.727 | 492 |

FONTE – IBGE e Suplan/Minagri.
[1] Faltando completarem-se as colheitas do Nordeste, Rio de Janeiro e São Paulo.

de novembro. que não se sustentou, cedendo antes do esperado, que seria a entrada das primeiras partidas da **safra das águas.** Chegaram a alcançar Cr$ 92 mil/60 kg, em São Paulo, mas retrocederam aos atuais Cr$ 85 mil. O **feijão preto** vem registrando preços em torno de Cr$ 75 mil, em São Paulo e até Cr$ 80 mil, no Rio de Janeiro.

Também contribuiu para a contenção das cotações a venda de parte dos estoques governamentais (18 mil t), estimados atualmente pela **Companhia de Financiamento da Produção** em apenas 75 mil t (45 mil t de **feijão preto** e 30 mil t de **feijões de cores** importados) que serão acrescidos, até janeiro, de mais 30 mil t de importações.

Tudo indica que, a permanecer a atual situação das lavouras, a **CFP** será um comprador atuante, nesta safra. O preço básico, corrigido mensalmente até dezembro, resultará num preço muito provavelmente superior ao do mercado, estimando-se que se situará próximo aos Cr$ 80 mil.

A primeira avaliação da safra, feita pela **CFP,** coloca-a próxima de 1,2 milhão de t, maior do que a estimativa final do mesmo órgão para a última safra das águas (1,058 milhão de t). Até o encerramento da colheita, em fevereiro, porém, a situação poderá estar bastante modificada, dadas as características do cultivo.

A segunda estimativa da safra brasileira, na avaliação oficial do **IBGE,** divulgada em fins de novembro **(Prognóstico da Produção Agrícola para 1985 no Centro-Sul e Rondônia),** revela uma ligeira redução no plantio (–0,22%), em razão das dificuldades climáticas que afetaram o replantio e um aumento da produção de 4,9% (das 1,044 milhão de t de 1984, para 1,095 milhão de t). A produtividade física está avaliada em 676 kg/ha, ou seja, 5,13% acima da obtida na **safra das águas** anterior.

Até o momento, o abastecimento do próximo ano afigura-se tranqüilo, pois qualquer percalço desta primeira safra poderá ser compensado pela **safra da seca,** que lhe sucede.

**QUADRO 20 – BRASIL – TECNOLOGIA APLICADA NAS LAVOURAS, SEGUNDO O CENSO AGROPECUÁRIO DE 1980**

| ESPECIFICAÇÃO | INFORMANTES | | QUANTIDADE | | ÁREA | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | nº | % | (t) | % | (ha) | % |
| Uso de sementes selecionadas e . . . | 90.112 | 3,7 | 225.236 | 13,0 | 388.381 | 8,9 |
| – irrigação, defensivos e adubação | 3.888 | | 18.388 | | 21.978 | |
| – irrigação e defensivos | 1.626 | | 2.427 | | 3.518 | |
| – irrigação e adubação | 443 | | 1.311 | | 2.045 | |
| – defensivos e adubação | 31.197 | | 108.760 | | 180.733 | |
| – irrigação | 177 | | 189 | | 365 | |
| – defensivos | 16.029 | | 22.904 | | 56.610 | |
| – adubação | 36.752 | | 71.254 | | 123.130 | |
| Só sementes selecionadas | 46.918 | 1,9 | 75.795 | 4,4 | 160.991 | 3,7 |
| Uso de sementes comuns e . . . | 772.338 | 31,8 | 592.277 | 34,2 | 1.514.074 | 34,7 |
| – irrigação, defensivos e adubação | 5.301 | | 8.830 | | 14.005 | |
| – irrigação e defensivos | 3.724 | | 2.953 | | 6.830 | |
| – irrigação e adubação | 2.530 | | 2.451 | | 4.925 | |
| – defensivos e adubação | 160.544 | | 163.110 | | 365.513 | |
| – irrigação | 5.424 | | 2.736 | | 7.225 | |
| – defensivos | 340.760 | | 168.842 | | 586.827 | |
| – adubação | 254.055 | | 243.351 | | 528.747 | |
| Só somentes comuns | 1.521.180 | 62,6 | 838.734 | 48,4 | 2.298.012 | 52,7 |
| Tecnologia não declarada | 5 | | 0 | | 7 | |
| TOTAL | 2.430.553 | 100,0 | 1.732.044 | 100,0 | 4.361.467 | 100,0 |

**FONTE – Censo Agropecuário de 1980.**

# PRECEITOS DE POLÍTICA AGRÍCOLA

## CAFÉ

A **Resolução nº 32/84,** de 04/09/84, do **IBC,** estabelece o padrão mínimo do café beneficiado para o consumo interno. São considerados próprios para esta finalidade os de até o tipo 8, com algumas modificações quanto aos critérios da **Tabela Oficial de Classificação** (**Diário Oficial** de 19/10/84).

A **Resolução nº 35/84,** de 11/10/84, do **IBC,** reajusta os preços de garantia do café a serem adquiridos entre 1º/10 e 31/12/84. A partir de janeiro de 1985, esses preços serão reajustados pela variação do **INPC** entre outubro e dezembro do ano anterior.

De acordo com esta **Resolução,** o café arábica do tipo 6 para melhor, qualquer bebida, passa a ser adquirido por Cr$ 195.000/60,5 kg; o do tipo 7 para melhor por Cr$ 170.800/60,5 kg e o robusta **Conillon,** do tipo 7 para melhor, por Cr$ 168.150/60,5 kg.

Isto representa uma elevação de 35% para os cafés do tipo 6 e 31% para os do tipo 7 (arábica e robusta) em relação aos preços vigentes (**Diário Oficial** de 18/10/84).

A **Resolução nº 36/84,** de 26/10/84, do **IBC,** estabelece, em caráter temporário, o regime de quotas individuais de exportação para os países membros da **OIC.** Estas serão atribuídas às firmas exportadoras ou cooperativas de produtores que tenham efetuado embarques durante o ano de 1983, sendo as quotas mensais proporcionais à tonelagem de tais embarques. Poderão, ainda, ser atribuídas às referidas entidades outras quotas na proporção de seus estoques de café verde de qualidade exportável, devendo esses estoques ser atestados a cada trinta dias. Os registros de **Declaração de Venda** não poderão exceder o volume da quota individual, que é intransferível.

A **Resolução** trata ainda das sanções cabíveis aos infratores de suas disposições (**Diário Oficial** de 07/11/84).

A **Resolução nº 37/84,** de 26/10/84, do **IBC,** reabre, a partir de 1º/01/85, o registro de exportador de café. As normas relativas ao cadastramento e registro serão baixadas num prazo de quarenta dias.

A **Resolução nº 39/84,** de 26/10/84, do **IBC,** mantém o valor de US$ 78/saca para a quota de contribuição relativa às exportações de café verde em grão, ou torrado e moído, que venham a ser feitas entre 29/10 e 31/10/84 (**Diário Oficial** de 07/11/84).



A **Resolução nº 40/84,** de 26/10/84, do **IBC,** institui, para vigência a partir de 1º/11/84, o preço de Cr$ 210 mil/saca para os cafés arábica do tipo 6 para melhor, isentos de gosto **Rio Zona;** Cr$ 189 mil/saca para os do tipo 7 para melhor e Cr$ 185,5 mil/saca para os robustas da variedade **Conillon** (**Diário Oficial** de 07/11/84).

## COOPERATIVISMO

A **Lei nº 7231,** de 23/10/84, transfere para o **Ministério da Agricultura** a competência sobre as atividades relativas ao cooperativismo rural e à eletrificação rural, anteriormente subordinados ao **Incra** (**Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária**). Dentre as atividades consideradas, estão a de fiscalização e controle das sociedades cooperativas e as atribuições de extensão e eletrificação rurais (**Diário Oficial** de 24/10/84).

O **Decreto nº 90.393,** de 30/10/84, cria a **Secretaria Nacional de Cooperativismo — Senacoop** — do **Ministério da Agricultura.** A nova **Secretaria** tem como objetivos fomentar, prestar assistência técnica, coordenar e fiscalizar as atividades relativas à expansão do sistema cooperativista e do associativismo rural.

As diretrizes para tal, serão traçadas no âmbito do **Conselho Nacional de Cooperativismo** que, de acordo com a **Lei nº 7231**, passou a integrar o **Ministério da Agricultura**. O **CNC** será composto por dois representantes do **Ministério da Agricultura**, um do **Ministério do Trabalho**, um do **Ministério da Indústria e do Comércio**, um da **Seplan**, um do **Banco Central do Brasil**, um do **BNH**, três da **Organização das Cooperativas Brasileiras** e quatro das **Cooperativas Centrais ou Federações de Cooperativas**, num total de quatorze membros. O **Secretário Executivo** do **CNC** será o titular da **Senacoop** (**Diário Oficial** de 31/10/84).

## LEITE

A **Portaria nº 17**, de 29/10/84, do **SNDA**, apresenta as normas higiênico-sanitárias e tecnológicas para a produção e o beneficiamento do leite tipo **A**. A medida leva em consideração a influência que o surgimento de granjas produtoras desse tipo de leite exerce sobre a evolução tecnológica do setor, bem como sobre o aprimoramento zootécnico dos rebanhos leiteiros (**Diário Oficial** de 31/10/84).

## MEIO AMBIENTE

O **Decreto nº 90347**, de 23/10/84, trata da implantação da área de proteção ambiental denominada **Apa Cananeia – Iguape – Peruíbe** nos municípios dos mesmos nomes e mais os de **Itariri** e **Miracatu**, todos no estado de São Paulo. A medida tem o objetivo de preservar ecossistemas, espécies ameaçadas de extinção, áreas de nidificação de aves marinhas e de arribação, sítios arqueológicos, remanescentes da Floresta Atlântica e a qualidade dos recursos hídricos, bem como possibilitar às comunidades caiçaras o exercício de suas atividades, dentro dos padrões culturais historicamente estabelecidos (**Diário Oficial** de 24/10/84).

O **Decreto nº 90379**, de 29/10/84, trata da implantação da área de proteção ambiental de **Jericoacoara**, no município de **Acaraú**, Ceará. A medida visa, além de a preservar os padrões culturais das populações caiçaras do local, a proteger os ecossistemas de praias, mangues e restingas, as dunas, formações geológicas de alto potencial paisagístico e científico, espécies vegetais e animais, dentre as quais se destaca a dos quelônios marinhos, e as aves de rapina e praieiras (**Diário Oficial** de 30/10/84).

## TRIGO

A **Portaria nº 91**, de 31/10/84, da **Sunab**, fixa em Cr$ 324.523/t o preço do trigo para venda aos moinhos. Este preço é válido para as vendas do produto importado e para o trigo nacional com PH 78, representando uma elevação de 45% em relação aos preços anteriormente vigentes. Pela mesma **Portaria** o preço das farinhas de trigo, comum e especial, para fins alimentícios foi reajustado no mesmo percentual, passando para Cr$ 22.670/50 kg e Cr$ 29.015/50 kg, respectivamente. A farinha comum para fins não alimentícios teve reajuste de 66%, percentual este que também recairá sobre os preços das farinhas comuns e especial para fins de devolução de subsídio correspondente à exportação de produtos alimentícios que contenham trigo em sua composição (**Diário Oficial** de 1º/11/84). Este é o terceiro reajuste dos preços de venda de trigo aos moinhos, ocorrido no ano de 1984, dentro da orientação de reduzir os subsídios destinados ao consumo. Sua completa extinção, contudo, tem sido sucessivamente adiada, em função dos impactos negativos que a medida teria sobre a taxa de inflação.

A **Portaria nº 92**, de 31/10/84, da **Sunab**, fixa em Cr$ 589.369/t o preço de aquisição do trigo nacional, PH 78, a vigorar no mês de novembro (**Diário Oficial** de 05/11/84).

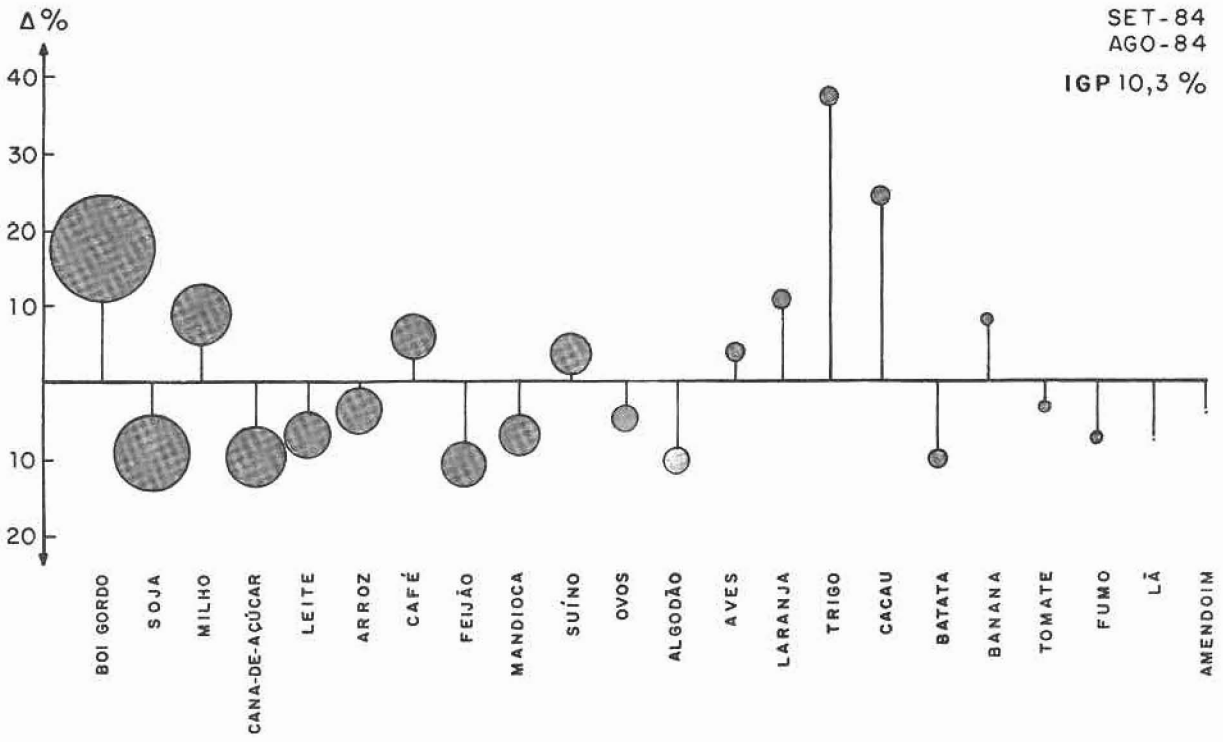
O Quadro 21 apresenta as variações de preço do trigo em grão e da farinha em relação aos do reajuste anterior (ocorrido em julho de 1984) e em relação a setembro de 1983, data em que se deu o último reajuste dos preços de venda aos moinhos e da farinha naquele ano. Os preços de aquisição do trigo brasileiro são reajustados mensalmente, em função da variação da taxa de câmbio, como forma de incentivo ao seu plantio e de assegurar que os produtores que colhem o produto mais tarde não sejam prejudicados pela perda de poder aquisitivo da moeda. Não é demais recordar que o único comprador do trigo nacional é o **Banco do Brasil**.

**QUADRO 21 – BRASIL – PREÇO DE AQUISIÇÃO DO TRIGO NACIONAL, PREÇO DE VENDA AOS MOINHOS DO TRIGO EM GRÃO E PREÇOS DA FARINHA DE TRIGO**

| DISCRIMINAÇÃO | UNIDADE | PREÇOS EM NOV/84 | VARIAÇÃO % EM RELAÇÃO A JUL/84 | VARIAÇÃO % EM RELAÇÃO A SET/83 |
|---|---|---|---|---|
| Aquisição do trigo nacional | Cr$/t | 589.369 | 35 | 246 |
| Venda do grão aos moinhos | Cr$/t | 324.523 | 45 | 228 |
| Farinha de trigo | | | | |
| Comum | Cr$/50 kg | 22.670 | 45 | 228 |
| Especial | Cr$/50 kg | 29.015 | 45 | 228 |
| Para fins não alimentícios | Cr$/50 kg | 37.733 | 66 | 269 |
| IGP–DI | – | – | 38 | 258 |

FONTE – Sunab (diversas portarias) e Conjuntura Econômica.

# PREÇOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES E RELAÇÃO DE TROCAS



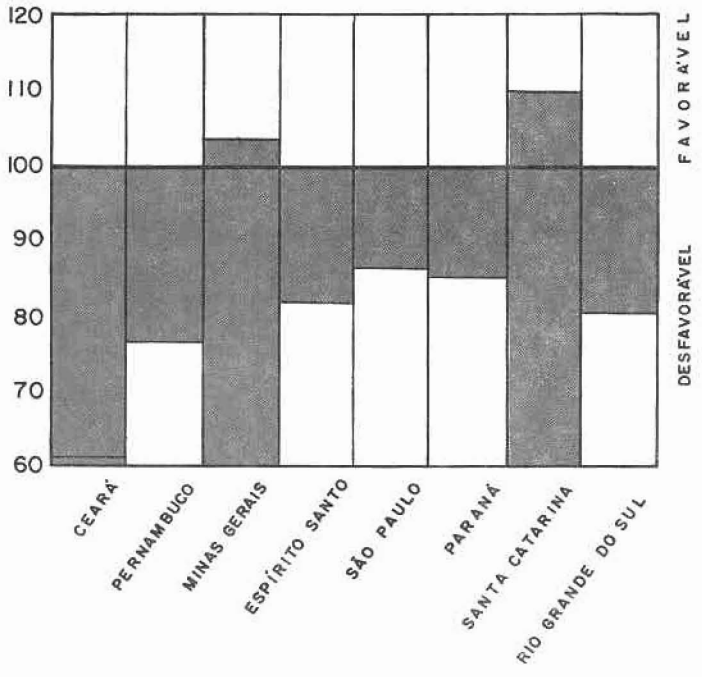

No gráfico ao alto, as retas indicam as diferenças entre a variação percentual dos preços recebidos pelos agricultores (mês corrente em relação ao mês anterior) e a variação do IGP–DI, permitindo visualizar os ganhos potenciais do Setor Agrícola relativamente à inflação, tal como medida por aquele indicador. Os círculos que encimam as retas representam a participação percentual do valor da produção de cada produto no valor da produção global da agropecuária, em 1980.

No gráfico ao lado está a relação de trocas entre a agropecuária e a indústria, relativa a oito unidades da Federação. Os resultados acima de 100 indicam que os preços recebidos pelos agricultores cresceram mais do que os por eles pagos na compra de insumos.

A PARTIR DO NÚMERO DE AGOSTO DE **AGROANALYSIS**, OS ÍNDICES SÃO DIVULGADOS CONFORME NOVA METODOLOGIA DE CÁLCULO, CUJA BASE É O ANO DE 1970.

RELAÇÃO DE TROCAS (ÍNDICE DE PREÇOS RECEBIDOS / ÍNDICE DE PREÇOS PAGOS — 1970 = 100)

**SETEMBRO 1984**



# PREÇOS NO MERCADO EXTERNO

GUIA DE LEITURA (posições nominais referentes ao mês de outubro).

1 — Preço médio um ano antes
2 — Preço médio no mês de outubro*
3 — Preço médio na última quinzena de outubro*
4 — Preço médio na última semana de outubro*
5 — Comportamento dos Preços Futuros
6 — Tendência do mercado
7 — Fatores ponderáveis e perspectivas dos próximos trinta dias

* futuro — primeira entrega

| PREÇO / PRODUTO | 1 ANO ANTES | MÊS | ÚLTIMA QUINZENA | ÚLTIMA SEMANA | FUTUROS/MESES N | D | J | F | M | A | M | J | J | A | S | O | TENDÊNCIA | FATORES PONDERÁVEIS |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| AÇÚCAR RAW US ¢/lb-peso | 9,73 | 5,33 | 5,26 | 5,23 | | | 5,33 | | 5,83 | | 6,20 | | 6,48 | | 6,75 | 6,96 | | *F.O. Licht*, em sua primeira estimativa da safra 1984/ 85, prevê uma produção mundial de 96,9 milhões de t, superior em 1,2% à produção da safra 1983/84. |
| ALGODÃO 1-1/16" US ¢/lb-peso | 72,33 | 66,45 | 67,58 | 67,14 | | 66,45 | | | 67,96 | | 69,14 | | 70,21 | | | 69,87 | | Caso não sejam significativas as perdas da safra norte-americana, permanecerá o atual nível dos preços. |
| CACAU BAHIA US$/tonela | 1.989,20 | 2.227,77 | 2.265,80 | 2.275,60 | | 2.227,77 | | | 2.179,95 | | 2.191,18 | | 2.201,82 | | 2.208,82 | | | Atraso na colheita da safra principal da Bahia, devido ao clima. |
| CAFÉ CONTRATO C NOVA IORQUE US ¢/lb-peso | 142,17 | 135,60 | 136,20 | 136,75 | | 135,60 | | | 134,17 | | 133,15 | | 132,25 | | 131,13 | | | Mercado parece já ter assimilado a retirada dos descontos adicionais do IBC. |

FONTE DOS DADOS BRUTOS — Bolsa de Nova Iorque.

NOTA — Todas as cotações são de primeiro futuro.

# PANORAMA AGROPECUÁRIO

As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, não se pode garantir. As opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudanças, independentemente de ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugere-se contato com os técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões (ver 1ª contracapa).

| PREÇO / PRODUTO | 1 ANO ANTES | MÊS | ÚLTIMA QUINZENA | ÚLTIMA SEMANA | FUTUROS/MESES N | D | J | F | M | A | M | J | J | A | S | O | TENDÊNCIA | FATORES PONDERÁVEIS |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| MILHO TWO YELLOW US ¢/bushel | 350,24 | 278,23 | 276,48 | 275,60 | | 278,23 | | | 284,34 | | 289,27 | | 291,73 | | 286,10 | | | Balanço de oferta e demanda do USDA aponta um aumento de 9% no estoque final, em relação ao ano passado. |
| SOJA - GRÃO ONE YELLOW US ¢/bushel | 840,51 | 613,35 | 623,30 | 620,70 | 613,35 | | 624,19 | | 637,29 | | 651,07 | | 657,73 | 657,64 | 648,53 | | | Chuvas prejudicam a colheita nos EUA e a moagem, naquele país, por seu turno, foi 24% menor em setembro de 1984 do que no mesmo mês do ano anterior. |
| SOJA FARELO US$/tonelada | 227,72 | 153,92 | 156,13 | 154,97 | | 153,92 | 157,01 | | 162,77 | | 167,93 | | 172,64 | 171,95 | 172,00 | 172,67 | | Temperaturas mais quentes que a de costume no Hemisfério Norte, nessa época do ano. Redução na moagem diminui a disponibilidade do farelo. |
| TRIGO SOFT RED US ¢/bushel | 364,19 | 353,48 | 361,22 | 361,67 | | 353,48 | | | 359,46 | | 356,84 | | 342,39 | | 346,70 | | | Aumento da produção mundial em 1984 – 509 milhões de t, contra 496 milhões de t em 1983. Agricultores norte-americanos vêm retendo o produto, à espera do fortalecimento das cotações. |

FONTE DOS DADOS BRUTOS – Bolsa de Nova Iorque.

NOTA – Todas as cotações são de primeiro futuro.

# PREÇOS NO MERCADO INTERNO

GUIA DE LEITURA

1 — Preço médio de outubro de 1983, corrigido pelo IGP, col. 2, para outubro de 1984.
2 — Preço médio no mês de outubro
3 — Preço médio na última quinzena de outubro
4 — Preço médio na última semana de outubro
5 — Tendência do mercado
6 — Fatores ponderáveis e perspectivas dos próximos 30 dias

| PREÇO / PRODUTO | 1 ANO ANTES | MÊS | ÚLTIMA QUINZENA | ÚLTIMA SEMANA | TENDÊNCIA | FATORES PONDERÁVEIS |
|---|---|---|---|---|---|---|
| ALGODÃO<br>Tipo 6–Sul do BR<br>Cr$/15 kg<br>1º futuro | 106.345 | 54.991 | 54.780 | 54.560 | ➡ | Suprimento folgado e impossibilidade de exportar, em razão da gravosidade. |
| ARROZ<br>Amarelão - Est. Cen.<br>Cr$/sc. 60 kg | 59.079 | 53.045 | 55.800 | 57.000 | ↗ | Melhor escoamento da safra, principalmente no Rio Grande do Sul, acompanhando a correção do preço mínimo. Alta dependente dos leilões da CFP. |
| CAFÉ<br>Tipo 6<br>Cr$/sc. 60 kg | 186.376 | 271.689 | 281.480 | 280.110 | ➡ | Maior procura por cafés de melhor qualidade, contribuindo para sustentação dos atuais níveis de preço. |
| BOI GORDO<br>Cr$/arroba | 56.623 | 55.000 | 55.000 | 55.000 | ➡ | Fim da entressafra e início da normalização da oferta de bois gordos. Assinatura de grandes contratos de exportação. Mercado interno retraindo-se, com quedas dos preços em termos reais. |

FONTE DOS DADOS BRUTOS — Algodão e Café: Bolsa de Mercadorias de São Paulo; Arroz, Feijão, Milho e Soja: Bolsa de Cereais de São Paulo; Boi Gordo: IEA-SP e Frango Vivo: APA-SP.

NOTA — Todos os preços referem-se ao mercado de São Paulo, capital, exceto os do boi gordo, que são de Presidente Prudente, SP. Valores corrigidos pelo IGP, coluna 2.

# PANORAMA AGROPECUÁRIO

As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, não se pode garantir. As opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudanças, independentemente de ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugere-se contato com os técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões (ver 1ª contracapa).

| PREÇO / PRODUTO | 1 ANO ANTES | MÊS | ÚLTIMA QUINZENA | ÚLTIMA SEMANA | TENDÊNCIA | FATORES PONDERÁVEIS |
|---|---|---|---|---|---|---|
| FEIJÃO<br>Carioquinha Especial<br>Cr$/sc. 60 kg | 91.180 | 73.636 | 71.000 | 70.000 | | Início do ingresso das safras das águas do Paraná, São Paulo e Santa Catarina. Ainda há produto da safrinha e o governo federal dispõe de estoques de 75 mil t. |
| FRANGO<br>Vivo<br>Cr$/kg | 1.413 | 1.524 | 1.470 | 1.475 | | Leve recuperação na oferta de frangos é compensada pelo aumento sazonal da demanda. |
| MILHO<br>Amarelo Semiduro<br>Cr$/60 kg | 31.501 | 17.429 | 18.417 | 18.750 | | Seca nas áreas produtoras do Centro-Sul atrasa plantio e leva indústrias a reiniciarem suas compras. |
| SOJA - GRÃO<br>Industrial<br>Cr$/60 kg | 49.901 | 33.727 | 34.850 | 35.000 | | Dívidas quanto à real dimensão da safra e pequena disponibilidade do grão. |

FONTE DOS DADOS BRUTOS — Algodão e Café: Bolsa de Mercadorias de São Paulo; Arroz, Feijão, Milho e Soja: Bolsa de Cereais de São Paulo; Boi Gordo: IEA-SP e Frango Vivo: APA-SP.

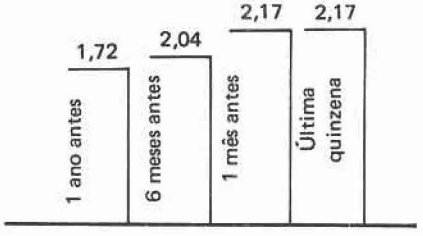
NOTA — Todos os preços referem-se ao mercado de São Paulo, capital, exceto os do boi gordo, que são de Presidente Prudente, SP. Valores corrigidos pelo IGP, coluna 2.

# PREÇOS RELATIVOS - MERCADO EXTERNO

Os preços relativos referem-se ao quociente resultante da divisão dos preços absolutos de cada produto, obtidos nas fontes citadas abaixo. Os preços relativos algodão/soja e algodão/milho têm seu quociente multiplicado por 20 devido à disparidade entre as medidas utilizadas para o algodão (libra-peso) e para a soja e o milho (**bushel**).

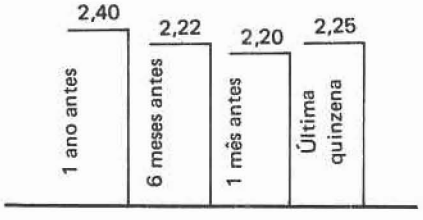
Contrariando a expectativa de queda do preço do algodão, devido à elevada oferta mundial do produto, este elevou-se 1,7% durante a quinzena, tendo em vista as más condições climáticas verificadas nas lavouras norte-americanas. Como, simultaneamente, o preço da soja elevou-se na mesma proporção, o preço relativo, durante a última quinzena, apresentou-se idêntico ao da média do mês.

Algodão/Soja



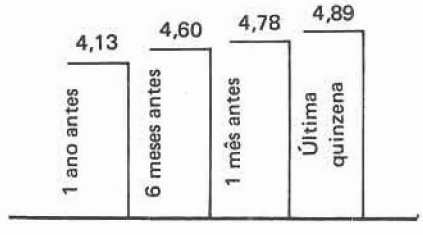

A estabilidade registrada no preço do milho durante a última quinzena, aliada ao aumento registrado no preço da soja, explica a atual relação. A fraca demanda por farelo de soja, além da chuva observada nas regiões produtoras norte-americanas, justifica este novo patamar alcançado pela cotação da leguminosa.

Soja/Milho



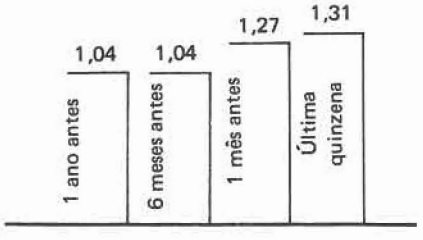

O atual preço relativo acusa tão-somente a variação registrada no preço do algodão, pois o preço do milho manteve-se, na quinzena, semelhante ao da média do mês. As chuvas que atingiram o **Cinturão do Milho** americano aceleraram a colheita do grão. Espera-se um resultado inferior ao da colheita do ano passado naquele país, tanto em rendimento como em qualidade do produto.

Algodão/Milho




A expectativa de que a URSS aumente suas importações de trigo para 25 milhões de t no corrente ano elevou em 2,2% a cotação do cereal durante a última quinzena, fazendo com que o preço relativo trigo/milho da última quinzena fosse superior à média do mês.

Trigo/Milho

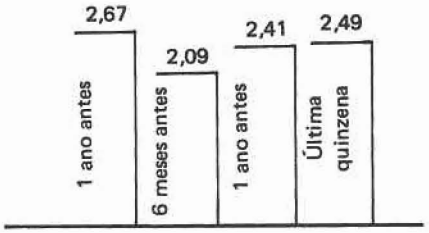



FONTE DOS DADOS BRUTOS — Algodão: Cotton World Statistics; Soja, Milho e Trigo: Commodity Year Book.

# PREÇOS RELATIVOS · MERCADO INTERNO

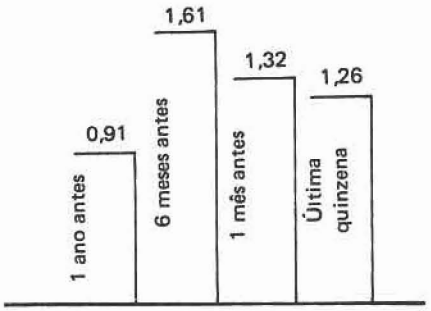
Durante a última quinzena, a cotação do frango vivo apresentou uma desvalorização de 3,2% comparativamente à média do mês, em conseqüência da interrupção do movimento altista verificado no preço do boi gordo. Desta forma, o preço relativo do boi gordo/frango vivo da quinzena apresentou-se mais elevado do que o da média do mês.

Boi Gordo/Frango Vivo



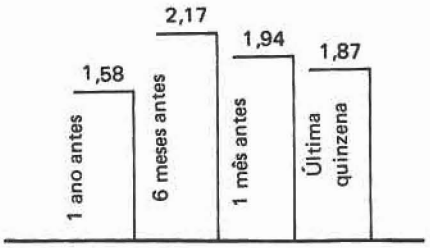

À queda do preço do frango vivo correspondeu um aumento de 1,5% no preço da ração para ave de corte, fazendo com que o preço relativo frango/ração da última quinzena apresentasse valor menor do que o da média do mês. Mesmo assim, ainda aponta uma lucratividade muito superior à de um ano antes.

Frango Vivo/Ração Ave de Corte



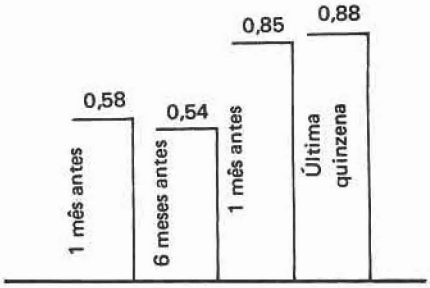

As notícias de estiagem nas regiões de cultivo da soja e do milho, no Centro-Sul do país, fizeram com que as cotações de ambos se elevassem, na última quinzena, respectivamente, 3,3% e 6,9%, em comparação com a cotação média do mês.

Soja/Milho




A queda de 3,6% observada, na última quinzena, na cotação do feijão carioquinha foi conseqüência tanto da expectativa de colocação, no mercado, de estoques governamentais (30 mil t de feijões de cores importados e 45 mil t de feijão preto), como da próxima entrada simultânea do produto colhido no Paraná, Santa Catarina e São Paulo e da existência, no mercado de bastante produto, tanto da safra da seca quanto da **safrinha.**

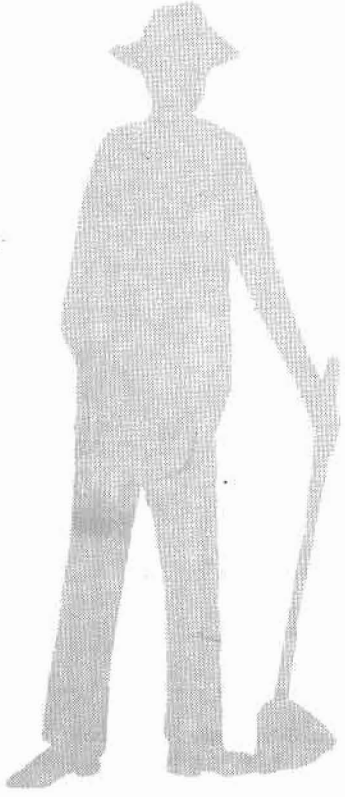
Feijão Preto/Feijão Carioquinha




FONTE DOS DADOS BRUTOS — **Boi Gordo: IEA-Sec. Agric. SP; Frango Vivo e Ração Ave Corte: IEA-Sec. Agr. SP e APA; Feijão Preto, Feijão Carioquinha, Soja e Milho: Bolsa de Cereais de SP.**

# COMPORTAMENTO DAS LAVOURAS

Esta página apresenta o resultado, no nível do Brasil como um todo, da pesquisa mensal de previsão e acompanhamento das colheitas de lavouras no ano civil, conduzida pela **Comissão Especial de Planejamento, Controle e Avaliação das Estatísticas Agropecuárias – CEPAGRO**, cuja coordenação técnica é do **IBGE**. A pesquisa se faz em todo o território nacional e dela participam diversas entidades públicas e privadas, dentre as quais o Ministério da Agricultura, Banco do Brasil, Emater's, Cepa's, CFP, Secretarias de Agricultura e Secretarias de Planejamento. Seus resultados, segundo dispositivo legal (Decreto 68.678/71), são compulsórios para os órgãos da Administração Federal, direta e indireta e para as entidades a ela vinculadas. Os leitores de **Agroanalysis** terão aqui, mensalmente, os dados oficiais atualizados do comportamento das safras brasileiras.



**QUADRO 22 – LAVOURAS – ÁREA PLANTADA E PRODUÇÃO ESPERADA NO ANO CIVIL DE 1984, SEGUNDO LEVANTAMENTO DE SETEMBRO[1]**

| ESPECIFICAÇÃO | | ÁREA PLANTADA (ha) | | PRODUÇÃO ESPERADA (t) |
|---|---|---|---|---|
| Abacaxi | | 32.208 | (3) | 638.442 |
| Algodão | | 3.129.346 | | 2.139.624 |
| Algodão arbóreo | | 1.457.875 | | 293.431 |
| Algodão herbáceo | | 1.671.471 | | 1.846.193 |
| Alho | | 11.786 | | 43.292 |
| Amendoim | | 148.826 | | 246.898 |
| Amendoim (1ª safra) | | 105.052 | | 185.258 |
| Amendoim (2ª safra) | | 43.774 | | 61.640 |
| Arroz | | 5.348.897 | | 8.999.280 |
| Aveia | | 115.893 | | 125.575 |
| Banana | | 399.668 | (4) | 469.966 |
| Batata-inglesa | | 174.466 | | 2.199.327 |
| Batata-inglesa (1ª safra) | | 101.477 | | 1.233.709 |
| Batata-inglesa (2ª safra) | | 72.989 | | 965.618 |
| Cacau | (2) | 550.549 | | 393.493 |
| Café | | 2.233.576 | | 2.996.274 |
| Cana-de-açúcar | | 3.848.616 | | 246.059.812 |
| Cebola | | 67.757 | | 707.368 |
| Centeio | | 3.637 | | 2.619 |
| Cevada | | 70.363 | | 79.154 |
| Coco-da-baía | | 165.581 | (3) | 538.930 |
| Feijão | | 5.319.338 | | 2.614.727 |
| Feijão (1ª safra) | | 2.826.136 | | 1.411.716 |
| Feijão (2ª safra) | | 2.493.202 | | 1.203.011 |
| Fumo | | 300.997 | | 424.462 |
| Guaraná | | 5.875 | | 806 |
| Juta | | 20.880 | | 18.591 |
| Laranja | | 627.390 | (3) | 62.457.602 |
| Malva | | 48.150 | | 46.452 |
| Mamona | | 387.965 | | 224.437 |
| Mandioca | | 1.768.824 | | 20.634.148 |
| Milho | | 12.226.117 | | 21.201.345 |
| Pimenta-do-reino | | 20.237 | | 38.413 |
| Rami | | 4.495 | | 9.625 |
| Sisal | | 321.160 | | 225.174 |
| Soja | | 9.413.710 | | 15.539.844 |
| Sorgo granífero | | 151.059 | | 297.883 |
| Tomate | | 50.655 | | 1.730.528 |
| Trigo | | 1.857.192 | | 1.661.521 |
| Uva | | 56.960 | | 603.019 |

**FONTE – IBGE.**

**[1] Dados preliminares, sujeitos a retificações. [2] Informações referentes a 1983. [3] 1.000 frutos. [4] 1.000 cachos.**

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Entidade de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, instituída em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, visando ao estudo dos problemas de organização racional do trabalho, especialmente nos seus aspectos administrativo e social e à conformidade de seus métodos às condições do meio brasileiro.

Sede: Praia de Botafogo, 190 - Caixa Postal 9052 - ZC 02
Tel.: 551-1542
CEP. 22250 - Rio de Janeiro - RJ

Presidente: Luiz Simões Lopes
*Superintendente* Geral: Roberto Hermeto Corrêa da Costa

**CONSELHO DIRETOR:**
Presidente: Luiz Simões Lopes
Vice-Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Membros: Aldo Batista Franco, Eugênio Gudin, Francisco Oswaldo Neves Dornelles, Manoel Fernando Thompson Motta, Manoel Pio Corrêa Jr. e Octávio Gouvêa de Bulhões.
Membros Suplentes: Carlos Alberto Pires de Carvalho Albuquerque, Luiz Fernando da Silva Pinto e Renato Correia Paes.

**CONSELHO CURADOR:**
Presidente: Alberto Pires Amarante
Membros: Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Antonio Garcia de Miranda Neto, Antonio Ribeiro França Filho, Associação de Bancos de São Paulo, Celso Timponi, Cezar Reis Cantanhede e Almeida, Domingos Marques Grello, Edmundo Penna Barbosa da Silva, Estado de Minas Gerais, Estado de São Paulo, Geraldo Wilson Nunan, Glycon de Paiva, Henrique Domingos Ribeiro Barbosa, Instituto de Resseguros do Brasil, Mário Abrantes da Silva Pinto, Moacyr Velloso Cardoso de Oliveira, Paulo de Tarso Leal, Rubens D'Almada Horta Porto, Salles/Interamericana de Publicidade S.A. e Theodoro Arthou.

## INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

**COMISSÃO DIRETORA:**
Presidente: Octávio Gouvêa de Bulhões
Vice-Presidente: Mário Henrique Simonsen
Membros: Angelo Jorge de Souza, Eugênio Gudin, Janes Angelo de Souza e Julian Magalhães Chacel

**DEPARTAMENTO DE ENSINO:**
Diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia: Mario Henrique Simonsen

**DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PESQUISAS:**
Diretor: Julian Magalhães Chacel

Centro de Estudos Monetários e de Economia Internacional: Luiz Aranha Corrêa do Lago
Grupo de Gerência e Economia da Informação: Moacyr Antonio Fioravante

**Divisão de Contabilidade Social**
Diretor: Angelo Jorge de Souza

Centro de Contas Nacionais: Maria Alice de Gusmão Veloso
Centro de Estudos Fiscais: Margaret Hanson Costa
Centro de Estudos Industriais: Eden Gonçalves de Oliveira
Grupo de Análise Contábil: Angelo Jorge de Souza (Respondendo)

**Divisão de Estatística e Econometria**
Diretor: Janes Angelo de Souza

Centro de Estudos Agrícolas: Sylvio Wanick Ribeiro
Centro de Estatística Econômica: Marcos Ferreira de Souza
Centro de Processamento de Dados: Eugênio Decourt
Grupo Especial de Consumo: Roberto Maia de Camargo Abib